



**DIOCESE DE SANTO ANDRÉ**

**CATEQUESE**

**A serviço da Iniciação à Vida Cristã**

**DIRETÓRIO DIOCESANO**



**Redação:**

Centro de Pastoral

Coordenação Diocesana de Pastoral

Conselho Diocesano de Pastoral

Comissão Diocesana de Animação Bíblico-Catequética

**Revisão:**

Pe. Vinícius Ferreira Afonso

Pe. Guillermo Daniel Micheletti

**Capa e Ilustrações:**

Amaurí Guimarães Leite

**Diagramação:**

Departamento de Comunicação

**Impressão:**

2M Produções Gráficas

## SUMÁRIO

|                                                                                                  |           |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------|
| <b>DECRETO</b>                                                                                   | <b>5</b>  |
| <b>APRESENTAÇÃO</b>                                                                              | <b>7</b>  |
| <b>INTRODUÇÃO</b>                                                                                | <b>9</b>  |
| <b>SIGLAS E ABREVIATURAS</b>                                                                     | <b>11</b> |
| <b>CAPÍTULO I</b>                                                                                | <b>13</b> |
| CONTEXTUALIZAÇÃO DOS PROCESSOS DE IVC                                                            |           |
| <b>CAPÍTULO II</b>                                                                               | <b>21</b> |
| A CATEQUESE A SERVIÇO DA IVC À LUZ DA<br>CONSTITUIÇÃO SINODAL DIOCESANA<br>E DO SÍNODO 2023-2024 |           |
| <b>CAPÍTULO III</b>                                                                              | <b>24</b> |
| OS AGENTES E SUJEITOS DA IVC:<br>UM NOVO PARADIGMA PASTORAL                                      |           |
| A comunidade mãe, geradora de discípulos:                                                        | 24        |
| Os pais e o ambiente familiar                                                                    | 26        |
| O Bispo e os Presbíteros                                                                         | 27        |
| Os Introdutores/acompanhantes                                                                    | 29        |
| Os catequistas                                                                                   | 32        |
| Padrinhos/Madrinhas                                                                              | 33        |
| Equipe das celebrações                                                                           | 35        |
| <b>CAPÍTULO IV</b>                                                                               | <b>37</b> |
| PEDAGOGIA E METODOLOGIA DA IVC                                                                   |           |
| O primeiro tempo: Tempo do Querigma                                                              | 39        |
| O segundo tempo: Tempo do Catequese                                                              | 41        |
| Terceiro tempo: Tempo da Purificação e Iluminação                                                | 44        |
| Quarto tempo: Tempo da Mistagogia                                                                | 45        |
| <b>CAPÍTULO V</b>                                                                                | <b>48</b> |
| COMISSÃO DA COORDENAÇÃO DA IVC:<br>DIOCESANA - FORANIAL - PAROQUIAL                              |           |

|                                                                               |           |
|-------------------------------------------------------------------------------|-----------|
| Comissão de Coordenação Paroquial                                             | 53        |
| Comissão de Coordenação Forânea                                               | 54        |
| Comissão de Coordenação Diocesana                                             | 55        |
| <b>CAPÍTULO VI</b>                                                            | <b>58</b> |
| FORMAÇÃO INTEGRAL COM CATEQUISTAS:<br>ELEMENTOS E ITINERÁRIOS PARA A FORMAÇÃO |           |
| <b>CAPÍTULO VII</b>                                                           | <b>64</b> |
| MINISTÉRIO LAICAL DE CATEQUISTA:<br>CRITÉRIOS PARA A INSTITUIÇÃO              |           |
| O Documento do Papa Francisco                                                 | 65        |
| “Motu Proprio Antiquum Ministerium”                                           |           |
| Ministério para o serviço generoso na gratuidade                              | 66        |
| Catequistas já atuantes                                                       | 69        |
| Catequistas iniciantes                                                        | 69        |
| Movimentos eclesiais e o ministério de Catequista                             | 71        |
| E o(a) catequista que não se torna ministro(a) instituído(a)?                 | 72        |
| <b>CAPÍTULO VIII</b>                                                          | <b>76</b> |
| A INICIAÇÃO À VIDA CRISTÃ<br>CONFORME AS IDADES                               |           |
| Itinerário de catequese com pais gestantes                                    | 77        |
| Itinerário com crianças da Primeira Infância                                  | 77        |
| Itinerário com crianças da segunda Infância                                   | 81        |
| Itinerário com adolescentes e jovens                                          | 83        |
| <i>A pré-adolescência</i>                                                     | 83        |
| <i>A adolescência</i>                                                         | 85        |
| <i>A juventude</i>                                                            | 86        |
| Itinerário com adultos                                                        | 88        |
| Itinerário com pais e padrinhos                                               | 91        |
| Itinerário com a pessoa com deficiência                                       | 93        |
| <b>CONCLUSÃO</b>                                                              | <b>95</b> |



**Dom Pedro Carlos Cipollini**

Bispo Diocesano de Santo André - SP

*Em nome de Jesus*

Prot. 3790/35

## **DECRETO**

### **Diretório Diocesano de Catequese**

Sendo que, a partir do Concílio Vaticano II, em consonância com a Tradição da Igreja, e os muitos documentos do Magistério, surgidos sob sua inspiração, foi continuamente ressaltado o valor central da obra catequética em todos os níveis, dentro da proposta da Nova Evangelização e das exigências do anúncio do Evangelho, coerente com a transformação missionária que a Igreja abraçou (EG n. 163-168);

Sendo que, o empenho dos Sumos Pontífices, dos Sínodos dos Bispos, das Conferências Episcopais está expresso em vários documentos como o Catecismo da Igreja Católica, a Exortação Apostólica *Catechesi Tradendae*, o Diretório Catequético Geral, o Diretório Geral de Catequese, o recente Diretório de Catequese e os inúmeros Catecismos nacionais e diocesanos, e por fim o Sínodo dos Bispos sobre a Sinodalidade (2023-2024), o qual resalta a urgência da Catequese de Iniciação à Vida Cristã;

Sendo que, o Primeiro Sínodo Diocesano realizado em nossa Diocese (2016-2018) se propôs a valorizar a catequese, em especial a Catequese de Iniciação Cristã (cf. Constituição Sinodal n.121), no âmbito de uma pastoral de conjunto/orgânica, no que fica expresso o valor e urgência da catequese, como instrução e formação permanente dos fiéis;

Tendo o Bispo Diocesano como função principal, junto com a pregação, a de promover uma catequese ativa e eficaz, com a responsabilidade de estruturar a catequese diocesana, segundo os princípios e normas editadas pela Sé Apostólica (cf. CDC câns. 773, 775-780; cf. tb. *Apostolorum Successores* n.128), para que por meio da catequese seja transmitida a Palavra de Deus de modo completo e íntegro;

Tendo a Comissão Diocesana Bíblico Catequética elaborado o presente Diretório Diocesano de Catequese, o qual recolhe a colaboração dos fiéis catequistas e do clero, também consultado na sua elaboração, após examiná-lo atentamente:

***Em conformidade com o que nos compete (cf. CDC câns. 381 e 391), aprovamos este Diretório de Catequese para a Diocese de Santo André, a fim de que seja observado e praticado por todas as instâncias diocesanas no que se refere à catequese, entrando em vigor na data de sua publicação, ficando revogadas todas as disposições em contrário.***

Cúria Diocesana de Santo André, 31 de julho de 2025, memória de Santo Inácio de Loyola, presbítero.



*+ Pedro Carlos Cipollini*

Dom Pedro Carlos Cipollini  
Bispo de Santo André

*Pe. Camilo Gonçalves de Lima*

Pe. Camilo Gonçalves de Lima  
Chanceler do Bispado





"Dai-lhes vós mesmos de comer!" (Mt 14,16)

## APRESENTAÇÃO

Com satisfação apresento este *Diretório Diocesano de Catequese*, que deve vigorar em toda nossa Diocese de Santo André, conforme decreto neste sentido. É um dom para nossa Igreja, pois traz orientações úteis e necessárias para esta atividade missionária tão importante e essencial.

A ação evangelizadora da catequese nos últimos anos, impulsionada pelo Concílio Vaticano II, deu passos significativos com a proposta dos processos de Iniciação à Vida Cristã como novo paradigma pastoral. Em toda parte, surgiram novas experiências e métodos mais adequados que nos orientam. Este processo de renovação depara-se com desafios: a catequese não pode ser baseada somente na boa vontade, na improvisação. Disso decorre a necessidade de pensar, organizar e atualizar a catequese, buscar novos rumos, animar os catequistas, criar um clima de trabalho mais humano-afetivo.

O Sínodo sobre a Sinodalidade (2023-2024) recorda que o Batismo é fundamento da vida cristã e que: “não é possível compreender plenamente o Batismo senão no âmbito da Iniciação Cristã, isto é, do itinerário pelo qual o Senhor, mediante o ministério da Igreja e o dom do Espírito, nos introduz na fé pascal e nos insere na comunhão trinitária e eclesial” (n. 24). De fato, na catequese se exprime o rosto misericordioso de uma Igreja que ensina os seus filhos a caminhar no seguimento de Jesus, e caminha com eles.

Propor na catequese a pedagogia e metodologia da Iniciação à Vida Cristã trata-se fundamentalmente de condição para o futuro do cristianismo. Devemos enfatizar que é necessário todo um esforço na busca de renovação paroquial, à luz da pedagogia catecumenal, pois ela visa a favorecer uma profunda experiência de Deus na vida daqueles que estão no processo. Com isso, necessitamos de uma nova linguagem, aprofundar a compreensão dos símbolos, rever estruturas



para que, assim, se efetivem os processos de Iniciação à Vida Cristã em todas as etapas da vida.

A atividade pastoral não pode processar-se às cegas. Daí a necessidade de termos orientações práticas e bem fundamentadas para a catequese. E aqui estão neste Diretório, o qual vem completar os outros que já temos e que nos têm ajudado bastante em meio à complexidade de ritmos e informações, nos quais nos movemos na faina evangelizadora.

Registro aqui meu agradecimento à Comissão Diocesana de Animação Bíblico-Catequética, organismo responsável pela coordenação e elaboração do projeto de catequese implantado e desenvolvido em nossa Diocese nestes últimos dez anos, a partir das bases - de nossas Foranias - em comunhão comigo, em sintonia com o Plano Diocesano de Pastoral e a Coordenação Diocesana da Pastoral, os agentes de pastorais e catequistas, numa pastoral orgânica de conjunto e mútua cooperação. Ao empenho diuturno desta Comissão animada pelo Pe. Eduardo Calandro, devemos este Diretório que agora você tem em mãos e que ao longo do tempo iremos aperfeiçoando.

Ele se torna necessário, principalmente agora que temos, neste ano, a investidura dos primeiros *Ministros da Catequese* de nossa Diocese, conforme a Carta Apostólica do Papa Francisco, *Antiquum Ministerium*. Um marco na caminhada evangelizadora de nossa Igreja.

Exorto a todos para que recebam este Diretório na fé e simplicidade dos que se dedicam a ensinar o amor de Cristo, que supera todo entendimento.

Com a bênção de Pai e pastor:

**Dom Pedro Carlos Cipollini**

Bispo de Santo André





## INTRODUÇÃO

A catequese na história da Diocese de Santo André sempre recebeu especial atenção e vem em uma crescente valorização. A prova de tudo isso está nas muitas iniciativas, que se multiplicam e melhoram em qualidade a ação evangelizadora da catequese. Entretanto, a prova mais forte desse apreço está na quantidade de catequistas que se dedicam com grande paixão a este ministério vital para a educação da fé, da esperança e da caridade, dos que optam por seguir Jesus Cristo.

Este Diretório Diocesano surge num momento importante em nossa Igreja particular. Primeiramente, como confirmação dos acertos na caminhada de renovação da catequese, desde o Concílio Vaticano II (1965), e tantos documentos do Magistério e em especial do Sínodo Diocesano na Constituição Sinodal (2017).

Há alguns destaques a serem considerados como, por exemplo, as fontes da catequese a serviço dos processos de Iniciação à Vida Cristã, especial atenção à formação de catequistas em vista de se viver o ministério laical de catequista, bem como toda a organização da catequese e a atenção a uma catequese conforme as idades.

Estamos nos dedicando a um dos temas mais desafiadores da nossa ação evangelizadora. Como levar as pessoas a um contato vivo e pessoal com Jesus Cristo? Como fazê-los mergulhar nas riquezas do Evangelho? Como iniciá-los verdadeira e eficazmente na vida da comunidade cristã e fazê-los participar da vida divina, cuja expressão maior são os sacramentos da iniciação? Como realizar uma iniciação de tal modo que os fiéis perseverem na comunidade cristã? Como formar verdadeiros discípulos-missionários de Jesus? Entendemos nos debruçar não tanto sobre a “preparação para receber os sacramentos”, mas sim sobre o processo e o itinerário pelos quais “tornar-se cristãos”.

O Diretório propõe orientações e linhas de ação para a catequese em nossa Diocese. É fruto de um grande trabalho de colaboração.



Muitas mãos o construíram ao longo de mais de três anos, por meio de um rico processo participativo. Entretanto, o Diretório não é um documento acabado, porque a catequese é dinâmica, criativa, atenta às necessidades, desafios e potencialidades do mundo e da Igreja.

Que Nossa Senhora do Carmo, a estrela da evangelização e educadora do Filho de Deus e da Igreja, acompanhe maternalmente o diálogo de fé, que acontece nos grupos de catequese. Que Santo André Apóstolo nos “leve até Jesus todos os dias de nossas vidas para que Nele encontremos a salvação e sejamos em virtude do batismo, fiéis missionários do Evangelho.”<sup>1</sup>

**Comissão Diocesana de Animação  
Bíblico-Catequética**

---

<sup>1</sup> Trecho da oração a Santo André Apóstolo de Dom Pedro Carlos Cipollini

## SIGLAS E ABREVIATURAS

|          |                                                              |
|----------|--------------------------------------------------------------|
| AA       | Decreto Apostolicam Actuositatem                             |
| AtM      | Carta Apostólica Antiquum Ministerium                        |
| AG       | Decreto Ad Gentes                                            |
| AN       | Encíclica Acerbo Nimis                                       |
| CT       | Exortação Apostólica Catechesi Tradendae                     |
| CR       | Catequese Renovada, orientações e conteúdo                   |
| ChL      | Christifideles Laici                                         |
| CELAM    | Conselho Episcopal Latino-Americano e Caribenho              |
| CIC      | Catecismo da Igreja Católica                                 |
| CIC Cân  | Código de Direito Canônico                                   |
| CNBB     | Conferência Nacional dos Bispos do Brasil                    |
| ChD      | Decreto Christus Dominus                                     |
| DGAE     | Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil |
| DGC      | Diretório Geral para a Catequese                             |
| DCG      | Diretório Catequético Geral                                  |
| DC       | Diretório para a Catequese                                   |
| DM       | Documento de Medellín                                        |
| DP       | Documento de Puebla                                          |
| DAP      | Documento de Aparecida                                       |
| DNC      | Diretório Nacional de Catequese                              |
| DpCAT    | Diretório para a Catequese                                   |
| DV       | Dei Verbum                                                   |
| DSD      | Documento de Santo Domingo                                   |
| EN       | Exortação Apostólica Evangelii Nuntiandi                     |
| EG       | Exortação Apostólica Evangelii Gaudium                       |
| GE       | Declaração Gravissimum Educationis                           |
| GS       | Constituição Pastoral Gaudium et Spes                        |
| GF       | Grupo Focal                                                  |
| GREBICAT | Grupo de Reflexão Bíblico-Catequética                        |
| IVC      | Iniciação à Vida Cristã                                      |
| LG       | Constituição Dogmática Lumen Gentium                         |
| MM       | Encíclica Mater et Magistra                                  |



|        |                                               |
|--------|-----------------------------------------------|
| MSC    | Meios de Comunicação Social                   |
| MQ     | Carta Apostólica Ministeria Quaedam           |
| PcD    | Pessoa com Deficiência                        |
| PO     | Decreto Presbyterorum Ordinis                 |
| RM     | Encíclica Redemptoris Missio                  |
| RICA   | Ritual da Iniciação Cristã de Adultos         |
| SBC    | Semana Brasileira de Catequese                |
| SBCat  | Sociedade Brasileira dos Catequetas           |
| SC     | Constituição Conciliar Sacrosanctum Concilium |
| SCALA  | Sociedade de Catequetas Latino-Americana      |
| 1a SBC | 1a Semana Brasileira de Catequese             |
| 2a SBC | 2a Semana Brasileira de Catequese             |
| 3a SBC | 3a Semana Brasileira de Catequese             |
| VD     | Exortação Apostólica Verbum Domini            |



## CAPÍTULO I

# CONTEXTUALIZAÇÃO DOS PROCESSOS DE IVC

1. Por muito séculos, e sobretudo na Europa, a Igreja mantinha forte influência do poder civil e com ele misturada em todos os âmbitos: social, cultural e religioso, num ambiente conhecido historicamente como “Cristandade”. Nesse ambiente em que se respirava “vida cristã”, foram se desenvolvendo valores sociais e religiosos que estruturaram uma determinada forma de pensar e viver a vida cristã; valores significativos que aos poucos, se foram desaprendendo, mas também que apresentavam sérios limites: todos se consideravam cristãos, mas acontecia que alguns nunca o foram de verdade, e nem escolheram sê-lo. Lembremos a famosa – e, por sinal, muito certa – frase de Tertuliano: “não se nasce cristão, mas se torna”.

2. Agora, se observamos nos últimos decênios, temos presente o Concílio Vaticano II como o evento eclesial mais importante do século XX. Apesar de não ter dedicado nenhum texto explícito sobre o tema da catequese e da Iniciação à Vida Cristã (IVC), seu impacto real foi determinante e profundo para a reflexão e a prática realizada até então. Atento aos sinais dos tempos e às mudanças de época, sensível aos novos desafios, o Concílio Vaticano II promoveu uma mudança radical na vida da Igreja e propôs a volta às fontes do cristianismo. A Constituição *Sacrosanctum Concilium*<sup>2</sup> fala sobre a iniciação cristã para adultos, ou seja, o catecumenato de adultos e incentiva a restauração do catecumenato, dividido em várias etapas. Assim, em 1972, a Sagrada Congregação para o Culto Divino elaborou o *Ritual de Iniciação Cristã de Adultos* (RICA).<sup>3</sup>

2 “Restaure-se o catecumenato dos adultos, com vários graus, introduzindo-se seu uso segundo o parecer do Ordinário do lugar, de modo que o tempo do catecumenato, dedicado à conveniente instrução, possa ser santificado por meio de ritos sagrados que se hão de celebrar em ocasiões sucessivas” (SC, 64)

3 Após a aprovação pelo PP. Paulo VI, foi publicado em 1972. Em 1973, saiu a tradução brasileira. Mas, devido a apresentar vários problemas para a compreensão do texto, a CNBB decidiu fazer uma nova edição que apresentasse o material de “forma mais didática e simples pra facilitar o uso” e, assim, tornar prático o manuseio do ritual. Assim o exprime Dom Geraldo Lyrio Rocha, então responsável pela liturgia da CNBB. Dom Geraldo deixa bem claro que esse Ritual deve ser utilizado com “criatividade e senso pastoral, para redescobrir sempre a riqueza admirável dos Sacramentos da Iniciação” (Cf. ROCHA, Geraldo Lyrio. *Apresentação*. In: RICA. 24 junho de 2001).

**3.** Sem dúvida, já há algum tempo, a sociedade ocidental padece de uma evolução cultural que coloca em ato grandes mudanças que interpelam a comunidade eclesial, e, por conseguinte, desafia a reflexão catequética a responder ao anúncio do Evangelho hoje. As mudanças se tornaram tão “vertiginosas”, que atingiram, em pouco tempo, todos os cantos do planeta, configurando uma “*mudança de época*”, mais do que uma época de mudanças. Enfrentamos hoje o desafio da evangelização na realidade urbana. A geografia das cidades é heterogênea. As cidades são ambivalentes: desigualdade social e crescente; aparecem formas de deterioração da vida; anonimato e perda do vínculo social e familiar; diversidade cultural; medo, violência, isolamento e solidão - o mal tem inumeráveis rostos; desconfiança nas instituições sociais, políticas e religiosas; novos movimentos, novas tradições e agrupamentos religiosos; a família é o elemento essencial a ser levado em conta, compreendendo que hoje temos muitas formas de configurações da família.

**4.** Parece que o que antes era certeza, até bem pouco tempo, hoje é insuficiente para responder a situações novas e desafiadoras. Isto certamente impõe novos paradigmas à catequese, pois hoje, uma significativa parcela da população considera a fé cristã como pouco incidente na vida cotidiana; nada muda na vida acreditar ou não em Jesus Cristo! Por causa disso, esta realidade exige de todos, e principalmente da catequese, a *busca de novos paradigmas* para a sua ação evangelizadora. Paradigmas que sejam capazes de enquadrar a prática pastoral catequética nesta desafiadora, complexa e paradoxal mudança de época. Temos pela frente o desafio de oferecer novas formas de IVC às pessoas que se aproximam e desejam conhecer Jesus Cristo, de oferecer-lhes o maravilhoso dom de serem discípulos e discípulas de Jesus Cristo. Ser cristão maduro na fé é o grande desafio de hoje.

**5.** Nesse rumo, devemos repensar novos caminhos de evangelização, partindo da perspectiva de uma “Igreja em saída”, com prática sinodal, em vista de uma autêntica renovação catequética.

Ousadia e criatividade são necessárias para renovar os processos de transmissão da fé, à procura de uma catequese que renove todas as estruturas pastorais diocesanas e paroquiais. A evangelização do mundo atual depende em parte da nossa capacidade de repensar e executar de maneira nova a atividade catequética na vida comunitária. É preciso perceber que a IVC se descortina como tarefa fundamental da atual atividade catequética.<sup>4</sup>

6. “Não se começa a ser cristão por uma decisão ética ou uma grande ideia, mas pelo encontro com um acontecimento, com uma Pessoa, que dá novo horizonte à vida e, com isso, uma orientação decisiva (PP Bento XVI)”<sup>5</sup>. “Não se chega à fé de um dia para outro. Há todo um processo de maturação, para que ela venha a penetrar por diversas dimensões do ser humano e para que a pessoa, por sua vez, a descubra e a viva em múltiplas feições, pois a fé tem muitas facetas que só se vão encontrando à medida que se vive”.<sup>6</sup>

7. O termo “*iniciação*” ou “*introdução*”, do latim “*initium*” (princípio, início), que deriva de “*in-ire*” (entrar, começar, ir em uma direção); isto é, “*introduzir alguém a alguma coisa*”. Assim, aplicado à IVC, no início do cristianismo, era o nome que se dava ao processo pelo qual um adulto era incorporado ao mistério de Jesus Cristo (paixão, morte, ressurreição e glorificação). Os primeiros cristãos se inspiraram nos costumes mantidos nas religiões pagãs e de outras ocorrências religiosas para elaborar de modo criativo a metodologia para iniciar pessoas desejosas de serem cristãs. Assim, a IVC comportaria um conjunto de atos pelos quais as pessoas por meio de ações simbólico-litúrgicas entravam em comunhão com o Mistério. Refere-se aos passos indispensáveis para entrar na comunidade dos seguidores de Jesus Cristo. Este processo era iniciado por uma educação catequética e litúrgica para entender os códigos e as chaves do catecumenato, a

4 Cf. CNBB. COMISSÃO EPISCOPAL PASTORAL PARA A ANIMAÇÃO BÍBLICO-CATEQUÉTICA. *Itinerário Catequético. IVC – um processo de inspiração catecumenal*. Brasília: Edições CNBB, 2012. p. 34-35.

5 DAp n.12.

6 TABORDA, Francisco. *Nas fontes da vida cristã: uma teologia do Batismo-Crisma*. p.39. In: PARO, Thiago F. *Catequese e Liturgia na Iniciação Cristã. O que é e como fazer*. Petrópolis: Vozes, 2018. p. 84.



*fim de chegarem a uma participação plena, consciente e ativa na vida da Igreja.*

**8.** A catequese a serviço da IVC de inspiração catecumenal, patrimônio evangelizador dos primórdios da Igreja, foi plenamente resgatada pelo Concílio Vaticano II. Percebe-se que cada vez mais tem estado na pauta dos assuntos pastorais da Igreja. Não é de hoje que os bispos, os presbíteros, diáconos, religiosos e religiosas, leigos e leigas têm refletido sobre o assunto, no intuito de fazer a passagem de uma catequese que visa apenas a “preparar para os sacramentos” para um projeto integrador da IVC. Por isso, de forma sintética, queremos apresentar o que é a IVC.

**9.** Não podemos falar de IVC se não nos reportarmos ao RICA que, como já dissemos, representa um dos mais importantes legados do Concílio Vaticano II, para restaurar o catecumenato como metodologia para os processos da IVC de adultos. “O RICA é um dos ou o mais revolucionário ritual do Vaticano II: mexe com nossa concepção de Igreja, de Pastoral, de Liturgia ...”.<sup>7</sup>

**10.** A Conferência de Aparecida reconhece a imperiosa necessidade de um renovado empenho pela iniciação cristã que “constitui grande desafio que questiona a fundo a maneira como estamos educando na fé e como estamos alimentando a experiência cristã”.<sup>8</sup> Por isso “sentimos a urgência de desenvolver em nossas comunidades um processo de IVC que comece pelo *querigma* e que, guiado pela Palavra de Deus, conduza a um encontro pessoal, cada vez maior, com Jesus Cristo.”. Diante desse enorme desafio evangelizador, que exige uma renovada modalidade catequética das paróquias, a Conferência de Aparecida propõe “que o processo catequético de formação adotado pela Igreja para a IVC seja assumido em todo o

---

<sup>7</sup> MICHELETTI, Guillermo Daniel. *Minidicionário da IVC* (citando Gustavo HAAS. *Nova Evangelização e celebração litúrgica à luz da Sacrosanctum Concilium*). p. 152. 5 DAp n.12.

<sup>8</sup> Cf. TABORDA, Francisco. *Vicissitudes históricas da iniciação cristã de adultos e de seu ritual*. In: PARANHOS, Washington da Silva. *IVC. Desafios e perspectivas*. São Paulo: Loyola, 2024. p. 201.



Continente como a *maneira ordinária e indispensável* de introduzir na vida cristã e como a catequese básica e fundamental”<sup>9</sup>

**11.** O projeto da IVC necessita ter como objetivo o desejo de educar a viver a relação religiosa como seres humanos, homens e mulheres em sentido pleno. Se não levarmos a sério esse processo, qualquer iniciativa que surja sobre a IVC não passará de um *paliativo pouco eficaz*. Se a recuperação do caráter mistagógico e iniciático dos Sacramentos não consegue dar uma proposta sistemática que articule conceito e prática, correremos o perigo de viver os Sacramentos como algo transitório, sem raiz e, sobretudo, sem qualquer ligação com a Fonte que é a pessoa de Jesus Cristo e a sua Igreja.<sup>10</sup>

**12.** Inspirados no Documento 107 da CNBB: “*IVC: itinerário para formar discípulos missionários*”<sup>11</sup>, queremos apresentar de forma sintética o sentido teológico e catequético da IVC e alguns pontos fundamentais de sua proposta catequética. A IVC toca mais o coração e a vida do que conteúdos doutrinários, é o convite para o anúncio e acolhida de uma mensagem que mexe com a vida. João Paulo II afirmou enfaticamente: “Quem diz mensagem diz algo mais que doutrina. Quantas doutrinas de fato jamais chegaram a ser mensagem. A mensagem não se limita a propor ideias: ela exige uma resposta, pois é interpelação entre pessoas, entre aquele que propõe e aquele que responde. A mensagem é vida. [...]”<sup>12</sup> Portanto a IVC é a convergência de *quatro elementos*:

- a) a fé da pessoa;
- b) a sua disponibilidade;
- c) a passagem para uma nova identidade;
- d) o acontecimento que nos ultrapassa, porque se refere ao mistério inédito da morte e ressurreição de Cristo, que na IVC vai se manifestar concreta e eficazmente na celebração dos Sacramentos da Iniciação: Batismo, Confirmação e Eucaristia.

<sup>9</sup> DAp n. 294

<sup>10</sup> Cf. MARQUES, Luis Felipe. *A iniciação cristã hoje: educar o desejo e consolidar a fé*. In: PARANHOS. *IVC*. p. 102.

<sup>11</sup> Fruto da 55ª Assembleia Geral Aparecida/SP – 26/4-5/5 de 20. Publicado pelas Edições CNBB, 2017.

<sup>12</sup> Homilia em Porto Alegre em 5.7.1980. In: *Pronunciamentos do Papa no Brasil*. Textos apresentados pela CNBB. Petrópolis, Vozes, 1980. n. 539-540.



**13.** O catecumenato com seus ritos, restaurado a pedido do Concílio Vaticano II, é “destinado prioritariamente a adultos” que ouviram o anúncio querigmático e, conscientes e livres, procuram a Deus, e se propõem a trilhar um caminho de fé e de conversão. O RICA está dividido em **“Quatro Tempos e Três Etapas”**. Dentro de cada tempo vão acontecendo progressos na caminhada da educação da fé. Além das celebrações chamadas “Etapas”, que marcam o término de um tempo para começar outro, há ritos especiais dentro de cada tempo, para marcar os avanços que vão sendo gradativamente atingidos.

**14.** O quadro representado a seguir oferece uma visão geral dos processos de iniciação que uma pessoa percorre pela via catecumenal conforme o RICA<sup>13</sup>.

**Quadro Geral da INICIAÇÃO CRISTÃ (catecumenato pré-batismal) conforme o RICA**

| <b>1º TEMPO</b><br>Pré-Catecumenato<br>ou Primeiro Anúncio<br>(querigma)    | <b>2º TEMPO</b><br>Catecumenato<br>(tempo mais<br>longo de todos)                                         | <b>3º TEMPO</b><br>Purificação e<br>Iluminação<br>(quaresma)                         | <b>4º TEMPO</b><br>Mistagogia<br>(tempo pascal)                                                             |
|-----------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Tempo do acolhimento na comunidade cristã:                                  | Tempo suficientemente longo para:                                                                         | Preparação próxima para Sacramentos:                                                 | Aprofundamento e maior mergulho no mistério cristão, no mistério pascal, na vida nova.                      |
| <b>PRIMEIRA EVANGELIZAÇÃO</b><br><br>Inscrição e colóquio com o catequista. | <b>CATEQUESE, REFLEXÃO, APROFUNDAMENTO.</b><br><br>Vivência cristã, conversão. Entrosamento com a Igreja. | <b>Escrutínios, Entrega do Símbolo e da Oração do Senhor</b><br><br><b>CATEQUESE</b> | Vivência na comunidade cristã.                                                                              |
| <b>RITOS catequistas + equipes litúrgicas.</b>                              | <b>RITOS catequistas + equipes litúrgicas.</b>                                                            | <b>RITOS catequistas + equipes litúrgicas.</b>                                       | Fim do período Catecumenal. O cristão continua a formação permanente na comunidade ao longo de toda a vida. |
| 1ª ETAPA - Rito de Admissão dos Candidatos ao Catecumenato (entrada)        |                                                                                                           | 2ª ETAPA - Preparação para os Sacramentos (eleição)                                  |                                                                                                             |
|                                                                             |                                                                                                           | 3ª ETAPA - Celebração dos Sacramentos de Iniciação: Vigília Pascal                   |                                                                                                             |

**Fonte:** Estudos da CNBB, n. 97<sup>14</sup>

<sup>13</sup> ZORZI, L. *Uma proposta de catecumenato com o RICA simplificado*. p. 49.

<sup>14</sup> CNBB. *Estudo 97*.



**15.** A IVC de inspiração catecumenal, segundo o RICA, acontece em quatro tempos e três etapas, aqui entendidas como “portas”<sup>15</sup> que se abrem no decorrer da caminhada dando possibilidade de continuidade, com momentos marcados por uma celebração específica que assinala a situação do iniciado dentro do processo na passagem para o tempo seguinte. De acordo com a metodologia do RICA, os Sacramentos são um sinal marcante na caminhada, mas não o fim do processo; pelo contrário, a partir desse momento inicia-se a mistagogia, que visa a aprofundar e interiorizar a vivência do mistério pascal.

**16.** Os tempos são períodos bem determinados e as etapas são as celebrações de passagem de um tempo para outro. O processo inteiro é descrito dessa maneira:

- Pré-catecumenato (1o tempo) – Rito de admissão ao catecumenato (1a etapa);
- Catecumenato (2o Tempo) – Celebração da eleição ou inscrição do nome (2a etapa);
- Purificação e iluminação (3o Tempo) – Celebração dos sacramentos da iniciação (3a etapa);
- Mistagogia (4o Tempo).

**17. Pré-catecumenato:** Designa um determinado tempo para o acolhimento dos candidatos e seu entrosamento com a comunidade cristã. Visa a uma primeira evangelização e conversão a um estilo cristão de vida, direcionado à aquisição do costume de rezar e invocar a Deus.

**Catecumenato:** Designa um tempo suficientemente longo, para uma esmerada catequese; para uma progressiva mudança da mentalidade e dos costumes; para uma integração na comunidade cristã e a participação nas assembleias litúrgicas. A comunidade cristã acompanha seus catecúmenos com a oração, os ritos e o testemunho.

**Purificação e iluminação:** Designa um tempo de preparação imediata para os sacramentos da iniciação cristã; corresponde ao período da Quaresma; tempo de intensa vivência espiritual, marcado por ritos a serem celebrados pela comunidade durante a santa missa dominical. Na solene Vigília Pascal, são celebrados os três sacramentos da iniciação: Batismo, Confirmação e Eucaristia.

**Mistagogia:** Designa um tempo que acontece no período pascal, para o aprofundamento do mistério cristão em comunhão com a comunidade dos fiéis, preparando-se a participar da missão evangelizadora da Igreja<sup>16</sup>.

**18.** Nas etapas de celebração de passagem de um tempo para o outro, são feitas as *Entregas*, representando os compromissos que vão sendo assumidos, como acontece, por exemplo, na entrega da Palavra de Deus, do Símbolo dos Apóstolos (Credo) e do Pai-Nosso, a Oração do Senhor. Elas representam também, a herança da fé que é passada aos novos cristãos. Outros ritos vão acompanhando o processo: a *Unção*<sup>17</sup>, os *Exorcismos*<sup>18</sup> e os *Escrutínios*<sup>19</sup>. Diante do que vimos até aqui, podemos dizer que é claro o esforço que o magistério da Igreja vem nos apontando como novo paradigma para a evangelização. Não se pode negar que *a Igreja está em busca de um novo modelo de iniciação cristã*<sup>20</sup>; um paradigma que mais do que nutrir a fé, se responsabiliza também por propô-la<sup>21</sup>. Nos próximos capítulos, iremos aprofundar a Pedagogia e a Metodologia da IVC.

16 ZORZI, L. *Uma proposta de catecumenato com o RICA simplificado*. p. 8-9.

17 Na unção, suplica-se “a força, a sabedoria e as virtudes divinas, para que sigam o caminho do Evangelho de Jesus, tornem-se generosos no serviço do Reino” (RICA 131).

18 Os exorcismos da Quaresma pedem a libertação das consequências do pecado e da influência do mal, para que os catecúmenos sejam fortalecidos em seu caminho espiritual e abram o coração para o Senhor (RICA 156).

19 Os escrutínios da quaresma, na sua qualidade de ritos penitenciais, visam uma progressão na consciência do pecado e no desejo de salvação, para caminhar ao encontro de Cristo, na noite pascal, Ele que é água viva, luz, ressurreição e vida (RICA 157).

20 Cf. LIMA, L. A. *IVC*. Revista de Catequese. p. 23.

21 BIEMMI, E. La dimensione missionaria della catechesi. In: *Catechesi*. p. 2-8.

## **CAPÍTULO II**

### **A CATEQUESE A SERVIÇO DA IVC**

### **À LUZ DA CONSTITUIÇÃO SINODAL DIOCESANA**

### **E DO SÍNODO 2023-2024**

**19.** Nosso Bispo, Dom Pedro Carlos Cipollini, publicando o Decreto da Constituição Sinodal (Prot. 1851/35) nos lembra que o “Sínodo Diocesano é o instrumento por excelência para auxiliar na determinação e organização canônica e pastoral da Igreja diocesana (*Cânon* 460). Trata-se do evento de comunhão e participação que exprime a índole e a natureza da Igreja.”

**20.** O Sínodo Diocesano fez um longo processo e percorreu itinerários para chegar à sua conclusão. Depois de vários encontros diocesanos e de haver realizado Sessões Sinodais Gerais, foi concluído o Sínodo com a Assembleia Sinodal em 15 de novembro de 2017. De todo esse processo, resultou a *CONSTITUIÇÃO SINODAL*, promulgada com força de lei para toda a Diocese (*Cânon* 466; *Apostolorum Successores* 171).<sup>22</sup>

**21.** Temos consciência de que um marco referencial na vida pastoral da Igreja particular de Santo André é a conclusão do Sínodo Diocesano, a realização da Assembleia Sinodal e a entrega da Constituição Sinodal. Após muito diálogo e participação dos presbíteros e diáconos, religiosos, pastorais, movimentos e leigos, três prioridades foram eleitas em novembro de 2017: A Ação Missionária Permanente para fortalecer a presença da Igreja junto aos mais pobres nas periferias, aos cristãos afastados, aos doentes e aos grupos necessitados de motivação e acolhida; O Acolhimento em suas duas dimensões importantes (Cultura e Espiritualidade); e Uma Igreja em Saída e em Estado Permanente de Missão, com aprofundamento da IVC e inclusão, com abertura para todos e todas, por meio de comunidades humanizadas e humanizadoras.

---

<sup>22</sup> Cf. CIPOLLINI, Pedro Carlos – Bispo Diocesano de Santo André. *Decreto*. In: *Constituição Sinodal*. p. 3.

**22.** O Sínodo sobre a “Sinodalidade” realizado em Roma (2023-2024) não designa um simples procedimento operativo da Igreja, mas exprime, antes de tudo, a sua natureza, como mistério de comunhão de todos e todas com Cristo no Espírito Santo para anunciar o Evangelho. “Por uma Igreja em saída”, termo cunhado pelo Papa Francisco na *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium*, entende-se de uma nova maneira de pensar juntos a realidade pastoral da Igreja de forma descentralizada e missionária, não nos moldes da época da cristandade, mas saindo em busca das periferias humanas que precisam do evangelho: periferias tanto sociais como existenciais. O processo sinodal faz um convite à conversão e renovação pastoral e eclesial inadiável diante da constatação de que os objetivos da evangelização não estão sendo plenamente atingidos.

**23.** Dom Pedro Carlos Cipollini foi eleito em Assembleia da CNBB para representar o episcopado brasileiro no Sínodo em Roma 2023-2024. Em aula sinodal, defendeu de maneira incisiva que a IVC pode oferecer à Igreja leigos e leigas mais conscientes e preparados, e, à medida que temos pessoas capacitadas, podemos estruturar uma Igreja sinodal, onde todos, incluídos, participam ativamente, porque se tornam e se sentem responsáveis. Dom Pedro destacou a questão das mudanças como tema transversal, insistindo em que, no processo sinodal, alguma coisa deve mudar. São necessárias três conversões: *pastoral* (que tem a ver com o modo de exercer a missão), e também os aspectos midiáticos (alargar os lugares de evangelização); *a conversão estrutural*, mais desafiadora, tendo como horizonte o Reino de Deus; e a *conversão espiritual*, a partir do encontro com a pessoa de Jesus, como referência e ponto de partida e de chegada, insistindo na vital importância da Palavra de Deus e do testemunho pessoal e comunitário de vida.

**24.** No organograma do processo Sinodal diocesano foram estabelecidas “Áreas Pastorais”, que correspondem à forma atual de promover a Pastoral de Conjunto em uma Diocese. Foram determinadas *7 Áreas Pastorais*. Assim sendo, foram propostas “Pistas de Ação para as Áreas Pastorais”.

**25.** A Área Pastoral 4 foi identificada como a Área da Animação Bíblico-Catequética. Entre as propostas e sugestões para essa área, foram enumeradas várias iniciativas:

- Criar Diretório Diocesano de Catequese e da IVC;
- Desenvolver um projeto para implantação do Itinerário catequético em todas as idades;
- Ampliar os trabalhos da Comissão Bíblico-Pastoral e melhorar sua divulgação;
- Esclarecer e sensibilizar o clero a respeito da mudança de paradigma na catequese em toda as idades;
- Intensificar a formação para todos os catequistas.<sup>23</sup>

Agora bem, no Plano de Ação Pastoral foram sugeridos 8 Itinerários concretos. O segundo Itinerário, trata dos aspectos da IVC como “formação de discípulos”, nele enumera-se alguns aspectos relevantes:

- Preparar subsídios formativos para formação paroquial sobre o Querigma e IVC;
- Preparar agentes de pastoral e lideranças para serem multiplicadores da prática do Querigma e da IVC nas paróquias;
- Realizar dias ou semanas de formação paroquial, com ênfase na prática sobre o Querigma e o aprofundamento da IVC.

**26.** Certamente, o processo de IVC hoje torna-se *imprescindível*. A IVC é um processo adequado como itinerário pedagógico oferecido às comunidades para levar aos que creem ao encontro pessoal com Jesus Cristo por meio da Palavra de Deus, da ação litúrgica e da caridade, integrando todas as dimensões da pessoa, para que cresça na mentalidade da fé e seja testemunha de vida nova no mundo.

**27.** Por isso, torna-se muito oportuna uma IVC estabelecida conforme o modelo formativo do catecumenato. A inspiração catecumenal também nos permite reconsiderar o papel primordial da família e de toda a comunidade em razão aos catequizandos, ativando processos de evangelização mútua entre os diferentes sujeitos eclesiais envolvidos.

<sup>23</sup> Cf. Diocese de Santo André - Constituição Sinodal – *Pista de ação para as Áreas Pastorais*. p. 78.

## CAPÍTULO III

### OS AGENTES E SUJEITOS DA IVC: UM NOVO PARADIGMA PASTORAL

**28.** A IVC é missão e responsabilidade de toda a Igreja, sendo ela mesma integralmente catecumenal, ouvinte de um ensinamento de viva voz, cf. (Cor 14,19; Gl 6,6), - daí o derivado catecúmeno, o candidato ao batismo-. Todos os ministérios, sejam eles ordenados e instituídos, e os confiados a leigos e leigas. Todos os serviços e atividades da comunidade são prioritariamente convidados a participar deste processo privilegiado de evangelização, ainda que em diferentes níveis, pois o processo de IVC transforma e incide sobre a conversão da comunidade. Todos os seus membros estão chamados a experimentar e a saborear o itinerário de IVC, certamente adaptado segundo as necessidades e circunstâncias locais. Vamos descrever sucintamente a ação e a importância de cada agente e sujeito da IVC:

#### **A comunidade mãe, geradora de discípulos:**

**29.** A catequese consolida a vida da comunidade. Por isso, “a Igreja é convidada a consagrar à catequese os seus melhores recursos de pessoal e energias, sem poupar esforços, trabalhos e meios materiais, a fim de a organizar melhor e de formar para ela, pessoas qualificadas.”<sup>24</sup> Nesta tarefa, nossas comunidades e paróquias devem gastar suas energias.

**30.** Os candidatos introduzidos no processo de IVC devem ser vistos como “*interlocutores*” e não como simples “*destinatários*” da IVC de inspiração catecumenal. Eles têm direito, portanto, a dispor de introdutores, agentes e catequistas competentes e testemunhas do Reino, bem como a todo o apoio da comunidade eclesial que com eles trabalhem num processo fraterno e participativo.<sup>25</sup>

<sup>24</sup> DNC n. 235

<sup>25</sup> Cf. CNBB. IVC. *Um processo de inspiração catecumenal*. Brasília: Edições CNBB, 2016<sup>2</sup> - n. 114. p. 65.



**31.** Sem dúvida, todo processo da IVC representa uma resposta pastoral atualizada visando à necessidade de *introduzir novos membros na comunidade cristã*, com plena consciência do que é ser cristão. Daí decorre o caráter formativo e fundamental para fazer renascer novos filhos e filhas de Deus, discípulos-missionários de Jesus Cristo para o futuro da comunidade.

**32.** Na IVC, a comunidade/Igreja é “*mãe*” e o processo catecumenal se apresentará como um verdadeiro “*trabalho de parto*”: da mesma forma que a criação, ela sente as dores para dar à luz (*Romanos 8,22-23*); após o parto, a mãe com carinho olha o recém-nascido, e se preocupa para que possa crescer saudável. Assim acontece no processo da IVC: surge o novo cristão do seio da “*mater Ecclesia*”, como nos lembra o RICA em sua *Introdução*, reforçando a identidade da comunidade cristã como lugar de gestação: “A iniciação dos catecúmenos *processa-se gradativamente no seio da comunidade dos fiéis* que, refletindo com os catecúmenos sobre a excelência do mistério pascal e renovando sua própria conversão, os induz pelo seu exemplo a obedecer com maior generosidade aos apelos do Espírito Santo.”<sup>21</sup>

**33.** Se a comunidade é a mãe, ela também acaba por ser, no decorrer do itinerário catecumenal, ao mesmo tempo, “*genitora e parteira*”. De fato, por meio do ministério catequético de adultos, como membros do Corpo de Cristo, formam a Igreja/comunidade. Por isso, pode-se afirmar que a comunidade é para o catecúmeno uma “*mestra e pedagoga*”, que acompanha seu crescimento, o que a faz simultaneamente sua companheira de caminhada.<sup>26</sup>

**34.** A comunidade sempre será um espaço de convivência, compromisso e de educação da fé e desenvolvimento de um estilo de vida cristão como discípulos-missionários de Jesus Cristo com um processo autêntico de IVC, pois uma comunidade que assume a IVC

<sup>21</sup> RICA. *Introdução 4*.

<sup>26</sup> Cf. PARANHOS, Washington da Silva. *IVC. O que é? Com quem? Como? Desafios e perspectivas*. São Paulo: Loyola, 2024. p. 129-131.



renova toda sua vida comunitária e desperta seu caráter missionário. Isso requer novas atitudes pastorais, principalmente por parte dos bispos, presbíteros, diáconos, pessoas religiosas e agentes de pastoral.<sup>27</sup>

**35.** A catequese na escola é uma forma de educação cristã oferecida em algumas instituições de ensino, geralmente escolas católicas, para crianças, adolescentes e adultos, com o objetivo de aprofundar a fé e também receber os sacramentos. Ela complementa a formação religiosa oferecida em paróquias e pode ser um espaço de iniciação à vida cristã e aos valores do Evangelho. As escolas que oferecem catequese devem seguir as orientações diocesanas contidas neste diretório, e estar vinculada à comunidade paroquial.

**36.** O projeto de Jesus que a comunidade promove na IVC não tem nada de *“pequeno ou mesquinho”*; pelo contrário, somos chamados a um trabalho exigente e emocionante. Num mundo ferido por violência, escravizado pelo consumismo irresponsável, numa sociedade construída sobre a injustiça e a tirania do dinheiro, Jesus nos impulsiona a viver a fraternidade proposta no Pai Nosso e nas Bem-Aventuranças, a defender os fracos, a construir a paz valorizando a honestidade e a dignidade humana, sabendo perdoar e partilhar.<sup>28</sup>

## Os pais e o ambiente familiar

**37.** Fazendo eco ao Concílio Vaticano II que nos fala da “Igreja doméstica”<sup>29</sup>, nos lembrava o Papa Francisco que as famílias cristãs, pela graça do sacramento nupcial, são as principais protagonistas das pastorais da Igreja. Para isso, a Igreja insiste é preciso que experimentem tanto na vida familiar quanto na catequese que o Evangelho é a alegria responsável por encher o coração e a vida inteira, porque em Cristo são libertas da fragilidade do pecado, da tristeza, do vazio interior, do isolamento.<sup>30</sup>

<sup>27</sup> Cf. CNBB. IVC. *Um processo de inspiração catecumenal* (Estudos da CNBB 97). Brasília: Edições CNBB, 2016. 28. p. 27.

<sup>28</sup> Cf. CNBB. IVC. 21. p. 24

<sup>29</sup> LG n.11

<sup>30</sup> Cf. FRANCISCO, PP. *Evangelii Gaudium* 1; *Amoris Laetitia* 200.



**38.** Por outra parte, o PP. Francisco na *Amoris Laetitia* explicita que a educação dos filhos e filhas deve ser marcada por um percurso de transmissão da fé que se vê cada vez mais dificultado pelos horários de trabalho e pela exigência do mundo atual. A família é chamada a ser lugar de iniciação, onde se aprende a rezar e a viver os valores da fé. A catequese deve elaborar de forma criativa encontros e momentos de formação cristã junto de seus filhos e compartilhar esses momentos com outros familiares. Certamente, esses momentos serão muito oportunos para reforçar a fé das famílias e integrá-las à comunidade.<sup>31</sup>

**39.** Por isso, a Igreja tem a missão importantíssima de anunciar o Evangelho às famílias. A comunidade cristã é família de famílias e é a própria família de Jesus. Esta é uma tarefa evangelizadora urgente: anunciar o Evangelho às famílias, fazendo que orientem suas vidas para Cristo em todos os momentos. Os pais devem ser os primeiros “mestres da fé”<sup>32</sup>.

**40.** O novo *Diretório para a Catequese* insiste que, no trabalho pastoral e catequético a comunidade deverá estar atenta a momentos determinados sobre situações particulares das famílias: a) Catequese com jovens e adultos que se preparam para matrimônio; b) Catequese com os jovens casais de esposos; c) Catequese com os pais que pedem o Batismo para seu filhos; d) Catequese com os pais cujos filhos percorrem o caminho da catequese de IVC; e) Catequese intergeracional; e, f) Catequese para grupos determinados de famílias de casais.<sup>33</sup>

## O Bispo e os Presbíteros

**41.** Na abertura do Concílio Vaticano II (1962-1965), o papa João XXIII inaugurou uma etapa desafiadora para toda a ação evangelizadora da Igreja. Com uma visão renovada da pessoa, Igreja e sociedade, o Concílio trouxe um enfoque de responsabilidade coletiva a todos os agentes de pastoral, superando a dimensão individualista e dando a todo cristão o selo do dever catequético e missionário. Sendo a Igreja sacramento de comunhão, esta comunhão se manifesta também na obra evangelizadora que é tarefa de todos.

<sup>31</sup> Cf. CNBB. /VC (Doc. 107). p. 84-85.

<sup>32</sup> LG n.11

<sup>33</sup> Cf. DIRETÓRIO PARA A CATEQUESE 227-232. São Paulo: Paulus, 2020. p. 152-156.

**42.** Em um parágrafo verdadeiramente programático para a renovação da catequese, o decreto sobre o *múnus* pastoral dos bispos aborda os objetivos da catequese: “Velem para que a instrução catequética, que tem por fim tornar viva, explícita e operosa a fé ilustrada pela doutrina, seja administrada com diligente cuidado quer às crianças e adolescentes, quer aos jovens e mesmo adultos. Esta instrução se baseia na Sagrada Escritura, na tradição, na liturgia, no magistério e na vida da Igreja. Além disso, zelem que os catequistas sejam perfeitamente preparados para sua missão, conheçam cabalmente a doutrina da Igreja e aprendam na teoria e na prática as leis da psicologia e as disciplinas pedagógicas. Providenciem também que se estabeleça a instituição dos catecúmenos adultos, ou seja, melhor adaptada.”<sup>34</sup>

**43.** A partir da consciência de que uma autêntica IVC envolve de modo eficaz e efetivo a Liturgia e a Catequese, sabe-se que, segundo a IGMR (22), o bispo é o “moderador, o promotor e guarda de toda a vida litúrgica” da diocese. Ele é também o primeiro responsável pela catequese da diocese, cuja função principal, juntamente com a pregação, é de promover a catequese e predispor os fiéis a diferentes formas de catequese necessárias aos fiéis.<sup>35</sup> Sendo o Catequista por excelência, ele é responsável pela edificação da Igreja particular e pela comunhão entre todos os seus membros. O Bispo anima, motiva e direciona todo o processo da IVC.<sup>36</sup> A ele compete incentivar e acompanhar a implantação dos processos da IVC com inspiração catecumenal por si ou por meio de um delegado; dirigir o processo de IVC; e admitir os candidatos à eleição aos Sacramentos presidindo a celebração dessa admissão e dos Sacramentos da Iniciação, na Vigília Pascal, particularmente para os maiores de idade.

**44.** “A organização da pastoral catequética tem como ponto de referência o bispo e a diocese. O secretariado diocesano ou coordenação

<sup>34</sup> ChD n. 14.

<sup>35</sup> Cf. DIRETÓRIO PARA A CATEQUESE 114. p. 88.

<sup>36</sup> Cf. RICA n. 44; Diretório para o ministério pastoral dos Bispos 129b.



diocesana de catequese é o órgão através do qual o bispo, animador da comunidade e mestre da doutrina, dirige e preside a atividade catequética realizada na diocese. O ministério da catequese ocupa um lugar de relevo no conjunto dos ministérios da Igreja particular”.<sup>37</sup>

**45.** A história nos revela a dedicação especial de muitos bispos à IVC. Alguns Padres da Igreja destacaram-se por trabalhar, eles mesmos, diretamente o tempo da “*mistagogia*”. Seguindo tal exemplo, o bispo poderia oferecer, em tempos oportunos, uma “catequese mistagógica para toda a Igreja diocesana”, de modo particular aos presbíteros, diáconos, seminaristas, candidatos ao diaconato, religiosos e catequistas leigos e leigas.<sup>38</sup>

**46.** Entre suas atividades, o presbítero deve dedicar, na sua especial função de mistagogo, atenção tanto aos que exercem os diversos ministérios, como também acompanhar os catequistas, junto aos que participam de qualquer das etapas do processo da IVC, acolhendo, ouvindo, aconselhando. Ao presidir a celebração de passagem e de entregas, bem como dos Sacramentos da Iniciação Cristã, deve seguir fielmente as normas litúrgicas, usando, se necessário e com a devida prudência, da liberdade que lhe é dada pela própria Igreja para o bem dos catecúmenos e catequizandos.

## Os Introdutores/acompanhantes

**47.** Se uma pessoa deseja aproximar-se de uma comunidade eclesial com a vontade de ser evangelizada, isto é, acolher o anúncio do Senhor Jesus e o seu Reino, ser-lhe-á oferecido um *Introdutor*, homem ou mulher, que o acompanhará respeitosa e fraternalmente para o seu crescimento na vida cristã.<sup>39</sup>

<sup>37</sup> DNC n. 232

<sup>38</sup> Cf. CNBB. *IVC. Itinerário para formar discípulos-missionários* (Doc. CNBB 107). Brasília: Edições CNBB, 2017. n. 228. p. 94. Quando trata sobre os “Padres da Igreja”, faz referência aos escritores católicos, bispos, clérigos e leigos, que viveram entre os séculos I a VII dC e se distinguiram como mestres da fé e promotores da unidade da Igreja (Diretório Nacional de Catequese – *Glossário*. p. 214).

<sup>39</sup> Esquema inspirado no artigo: MICHELETTI, G.D. *A figura do Introdutor/acompanhante nos processos de IVC*. In: Revista de Catequese 145, janeiro/junho, 2015. p. 22-32.

**48.** Com efeito, embora seja este um ministério específico da IVC, pouco se fala nele. O RICA lembra que “o candidato que solicita sua admissão entre os catequizandos e catecúmenos é acompanhado por um Introdutor, homem ou mulher, que o conhecerá, o ajudará e o acompanhará em seu caminhar da fé e desejo de querer conhecer e seguir Jesus”.<sup>40</sup>

**49.** A presença do Introdutor é importantíssima na primeira parte do itinerário da IVC, que chamamos “tempo do querigma”. Ele acompanhará o anúncio do Querigma ao candidato e o ajudará na descoberta pessoal de conversão ao seguimento a Jesus Cristo. Acompanhará o candidato na celebração de entrada do catecumenato e terá, depois, encontros periódicos e sistemáticos para partilhar da caminhada de fé, sendo um delicado ouvinte dos desafios, dificuldades, alegrias e descobertas do candidato para que seja levado ao crescimento no discipulado de Jesus.<sup>41</sup>

**50.** O Introdutor conduzirá o catecúmeno ou catequizando de modo pessoal ao encontro do Senhor, propondo-lhe condições gradativas para a conversão e a fidelidade no seguimento discipular de Jesus, facilitando o processo que colocará as bases para entrar no Segundo Tempo, o *Catecumenato propriamente dito*.<sup>42</sup>

**51.** A insistência em haver um Introdutor não é questão acessória; precisamos resgatar aquela sábia prática das primeiras comunidades de acompanhar pessoalmente cada candidato iniciado à fé. Hoje, na verdade, pouco se faz e se diz nesse sentido; pois nem sempre se consegue superar o nível de um atendimento generalizado ou massivo. É preciso personalizar a formação. Caso contrário, o resultado dificilmente será de uma duradoura inserção na Igreja.

<sup>40</sup> Cf. RICA n. 42a.

<sup>41</sup> Cf. RICA n. 16

<sup>42</sup> CNBB. /VC 127.



**52.** O Introdutor participará na avaliação das disposições do catequizando quando se preparar para entrar na segunda etapa.<sup>43</sup> Como percebemos, o ministério do Introdutor é sim um ministério de “ajuda” e de “acompanhamento” em todo o processo catequético do iniciante. Ele será substituído pelo padrinho ou a madrinha apenas no momento da eleição, embora o RICA aconselhe que o mesmo Introdutor venha a ser o padrinho ou a madrinha (se o catequizando será batizado)<sup>44</sup>.

**53.** A pessoa escolhida para ser Introdutor deve ser pessoa de fé firme, já iniciada, constante na vida litúrgica da comunidade e na comunhão eucarística, orante, atenta à Palavra de Deus, amiga dos irmãos e irmãs da Igreja, simples no relacionamento com as pessoas; que saiba ouvir, dialogar e construir; solidária com os mais pobres; respeitosa para com todas as religiões e de receptiva sensibilidade devocional do catolicismo popular. O Papa Francisco fala oportunamente da importância dessas pessoas: “Hoje mais do que nunca precisamos de homens e mulheres que conheçam, a partir da sua experiência de acompanhamento, o modo de proceder onde reine a prudência, a capacidade de compreensão, a arte de esperar, a docilidade ao Espírito”.<sup>45</sup>

**54.** As tarefas do Introdutor são: a) favorecer a ação do Espírito Santo; protagonista da iniciação do catequizando na vida de Cristo e da Igreja; b) facilitar o conhecimento do Evangelho na vida pessoal, social e comunitária do catequizando; c) estimular o catequizando no processo de conversão e vivência do Evangelho; d) auxiliar o catequizando nas dúvidas e inquietações; e) dar-lhe apoio e testemunho cristão, e) Velar, depois da celebração dos Sacramentos, pelo progresso do iniciado na dinâmica da sua vida batismal.<sup>46</sup>

<sup>43</sup> RICA n. 16.77

<sup>44</sup> RICA n. 42

<sup>45</sup> Cf. FRANCISCO, PP. *Evangelii Gaudium* 171.

<sup>46</sup> Cf. RICA n. 43



**55.** Enfim, os Introdutores são aquelas pessoas apaixonadas que tudo farão para que os catecúmenos e catequizandos se sintam amados de Deus, acolhidos na comunidade e motivados para iniciar pessoalmente um caminho de discipulado. Terão a maravilhosa e não menos desafiadora missão de gerar, com dores de parto, novos membros para a comunidade. São contagiados pelo seguimento de Jesus, Mestre que ensina que o amor de seu Pai é tanto que se faz “vulnerável” às nossas misérias, pois em Cristo encontraremos um Deus que arriscou assumir nossas fragilidades para que o encontrássemos amoroso e misericordioso. Conduzirá os catequizandos a se conformarem a Cristo. “Se, por acaso, perderem o prazer de amar e comunicar Jesus, serão cristãos mortos!” (Cf. *Gálatas* 4,19; *1Coríntios* 4,15).<sup>47</sup>

### Os catequistas

**56.** O próprio apóstolo Paulo foi enviado a Ananias para ser introduzido no caminho do evangelho. Mais tarde, dirigindo-se aos que ele evangelizou, o apóstolo fala de “gerar em Jesus Cristo através do evangelho” e ter “dores de parto”<sup>48</sup>. Por isso é necessário que os catequistas tenham um amor fraterno pelos que acompanham na fé. E mais do que isso: É preciso que cheguem a ter um amor de pai e até de mãe por eles.<sup>49</sup>

**57.** O RICA diz que os catequistas são importantes para o progresso dos que fazem o caminho da fé.<sup>50</sup> Pelo fato de compartilharem a mesma forma de vida, “os catequistas leigos têm uma sensibilidade especial para encarnar o Evangelho na vida concreta” deles. Os catequistas são importantes também para o “desenvolvimento da comunidade.”<sup>51</sup> A IVC é um dom de Deus para a comunidade. Quando gera novos filhos e

<sup>47</sup> Cf. BENNER, David G. *Entregarse al amor*. 109-115; COSTA, Valeriano Santos. *Vida Cristã: A existência no amor*. São Paulo: Paulinas, 2014. p. 60-61.

<sup>48</sup> Cf. At 9,6-19; *1Cor* 4,15; *Gl* 4,19.

<sup>49</sup> Cf. PAULO VI. Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi* sobre a Evangelização no Mundo Contemporâneo. São Paulo: Paulinas, 2005. n. 79 (Coleção a Voz do Papa 85).

<sup>50</sup> RICA n. 48.

<sup>51</sup> RICA n. 4.





filhas, a comunidade é renovada na fé: aprofunda sua compreensão do mistério pascal, retoma a atitude de conversão e passa a ob edecer com maior generosidade aos apelos do Espírito.<sup>52</sup> O ministério dos catequistas não só é valioso para revigorar a comunidade cristã, mas é essencial.

**58.** O RICA ainda orienta os catequistas: “Cuidem de que a catequese seja penetrada do espírito evangélico, em harmonia com os ritos e o calendário litúrgico, adaptada aos catecúmenos e, na medida do possível, enriquecida pelas tradições locais.”<sup>53</sup> O catequista, assim, garante o caráter evangélico, litúrgico, existencial e inculturado da catequese.

**59.** Os catequistas, ainda segundo o RICA, *têm uma atuação litúrgica significativa*. Podem presidir as celebrações da palavra próprias da catequese de IVC com inspiração catecumenal.<sup>54</sup> Participam ativamente dos ritos da iniciação cristã, mesmo quando presididos pelos ministros ordenados.<sup>55</sup> Intercedem pelos que fazem o caminho da fé com orações, jejuns, vigílias e bênçãos, de forma comunitária e pessoal.<sup>56</sup> Com a designação do bispo, podem fazer os exorcismos pré-batismais, ou seja, orações de fortalecimento no caminho do Senhor.<sup>57</sup>

**60.** Por fim, o catequista é uma pessoa madura integrada no seu tempo e identificada com sua gente, tendo capacidade de compreender, analisar e criticar a realidade social, política e econômica à luz dos ensinamentos da Igreja.

## **Padrinhos/Madrinhas**

**61.** Durante o tempo do catecumenato ou da catequese é que os padrinhos ou madrinhas serão escolhidos pelos catecúmenos ou

<sup>52</sup> RICA n. 4.

<sup>53</sup> RICA n. 48.

<sup>54</sup> RICA n. 106-108.

<sup>55</sup> RICA n. 48.

<sup>56</sup> RICA n. 102-119.

<sup>57</sup> RICA n. 44 e 109



catequizandos.<sup>49</sup> Para isso, a introdução geral do RICA dá orientações bem explícitas e coerentes, porém exigentes de serem seguidas em nossa realidade, na qual, é grande o número de “cristãos não praticantes ou sem Igreja”. Lembramos apenas que o padrinho ou madrinha devem ser “escolhidos dentre os membros da comunidade cristã” e tem a função de ajudar na preparação ao sacramento do Batismo ou da Confirmação; dar testemunho da fé do candidato e, depois do batismo ou confirmação, cuidar de sua “perseverança na fé e na vida cristã”<sup>58</sup>.

**62.** Os padrinhos e madrinhas não devem desenvolver apenas uma função pessoal, mas sua missão envolve um exercício de toda a comunidade eminentemente eclesial. Pressupõe uma comunidade com grande preocupação e dedicação ao ministério de padrinho ou madrinha. Como vimos, à comunidade cristã compete a educação da fé dos catecúmenos ou catequizandos através do carisma materno/paterno, olhando para a tríplice função de despertar, acolher e apoiar a fé dos catecúmenos ou catequizandos<sup>59</sup>.

**63.** Como, em nossa cultura, os padrinhos ou madrinhas são escolhidos para reforçar os laços de parentesco e amizade, e nem sempre foram eles próprios iniciados na fé, a maior colaboração no tempo do catecumenato ou da catequese será dos introdutores e outros membros da comunidade. *Os próprios introdutores podem vir a tornar-se padrinhos* (é até recomendável), como muitas vezes tem acontecido em nossas comunidades. De qualquer forma, em muitos casos, eles terão que suprir os padrinhos. Por isso, é preciso que orientemos bem sobre sua escolha.

---

<sup>49</sup> RICA n. 104

<sup>58</sup> A *Introdução geral*, como foi indicado no início, tem o título “A iniciação cristã: observações preliminares gerais” e encontra-se nas primeiras páginas do ritual. Aqui indicamos os n. 8 e 9. Veja também o n. 10, assim como as orientações do *Código de Direito Canônico*. n. 872-874.

<sup>59</sup> FLORISTÂN, Casiano. *Para compreender o Catecumenato*. Coimbra: Gráfica de Coimbra. p.183.



## Equipe das celebrações

**64.** O Diretório Nacional de Catequese define que “a catequese deve ser realizada em harmonia com o Ano Litúrgico”<sup>60</sup>, porque “a liturgia é ação sagrada por excelência, cume para o qual tende a ação da Igreja e, ao mesmo tempo, fonte da qual deriva sua força, e requer uma participação plena, consciente e ativa”.<sup>61</sup> A catequese tem como tarefa essencial beber da fonte litúrgica e a ela *conduzir os catequizandos para a compreensão e vivência do mistério celebrado*. Por isso, o processo de IVC orienta para a iniciação litúrgica, recomendando os catequistas a desenvolverem os encontros catequéticos a partir do Ano Litúrgico.

**65.** A IVC de inspiração catecumenal dá-se numa íntima relação entre catequese e liturgia: o mistério anunciado e conhecido é também celebrado. Por isso, as equipes de liturgia devem acompanhar de perto todo o processo catequético e fazer parte da comissão da IVC.

**66.** Muitas celebrações do Ano Litúrgico ganham uma tônica diferente quando nelas são realizados ritos próprios da inspiração catecumenal. Por isso, as equipes de liturgia, das quais faz parte o presidente das celebrações (presbítero, catequistas, diáconos...), devem conhecer e aprofundar o RICA, com capacidade de usá-lo fazendo as devidas e necessárias adaptações.

**67.** Um cuidado que devemos ter sempre é o de não fazer com que os ritos da IVC de inspiração catecumenal sejam “remendos”, acréscimos às celebrações da comunidade. A liturgia cristã é atualização do mistério de Cristo na assembleia, oculto sob o véu dos símbolos; é o culto público e integral do corpo místico, cabeça e membros.<sup>62</sup> O ritual insiste na presença da comunidade e das pessoas mais vinculadas aos catecúmenos ou catequizandos nas celebrações: “É de desejar que toda

<sup>60</sup> Cf. CNBB. *Diretório Nacional de Catequese*. Brasília: Edições CNBB, 2006. n. 53b (Coleção Documentos da CNBB 84).

<sup>61</sup> Cf. CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. *Constituição Sacrosanctum Concilium*. In: VIER, Frederico (coord.). *Compêndio Vaticano II, Constituições, Decretos, Declarações*. Petrópolis: Vozes, 199827. n. 7.10.14.

<sup>62</sup> Cf. CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. *Constituição Sacrosanctum Concilium*. In: VIER, Frederico (coord.). *Compêndio Vaticano II, Constituições, Decretos, Declarações*. Petrópolis: Vozes, 199827. n. 7.

a comunidade cristã ou parte dela, constante dos amigos e familiares, catequistas e sacerdotes, participe efetivamente da celebração.”<sup>63</sup> Quanto à presidência, está suposto no ritual que seja exercida por um presbítero. Naturalmente, se houver um assistente pastoral ou coordenador da comissão de IVC sob inspiração catecumenal nas comunidades, este deve ter uma participação significativa na celebração.

**68.** A presidência das celebrações deve ser bem cuidada e preparada, pois todo o processo da IVC nas celebrações deverá possuir o valor teologal e expressivo de toda a liturgia cristã. Tem como finalidade afirmar a fé dos catecúmenos ou catequizandos, introduzi-los na oração cristã, iniciá-los nos sinais e prepará-los para a liturgia sacramental.<sup>64</sup>

---

<sup>63</sup> RICA n. 70

<sup>64</sup> FLORISTÁN, Casiano. *Para compreender o Catecumenato*. Coimbra: Gráfica de Coimbra. p. 227. 57 CNBB. *Estudo* 97. n. 49.

## CAPÍTULO IV

### PEDAGOGIA E METODOLOGIA DA IVC

**69.** Vivemos em uma nova época, em uma cultura moderna quase pós-cristã, em que a Igreja se vê diante da necessidade de uma real iniciação para formar cristãos autênticos que realmente assumam o projeto do Reino.<sup>57</sup> Diante dessa realidade que nos desafia, precisamos compreender a “Igreja como casa de IVC” e aprofundar a IVC como uma nova maneira pedagógica e metodológica para ajudar os batizados e não batizados a crescerem na vida de fé (numa atitude de discipulado), até à plena maturidade, firmes e perseverantes, dando frutos de vida cristã esperados. Para que as comunidades sejam renovadas, devem ser casa de IVC, *onde a catequese há de ser premente prioridade. Um novo olhar permitirá uma nova prática*<sup>65</sup>.

**70.** Com a proposta da IVC, abrimos as portas para um novo tempo na vida eclesial. Por isso, é preciso que todas as instâncias da Igreja se empenhem neste processo de renovação pastoral, para o qual o Espírito Santo lança e conduz a Igreja em nossa cultura secularizada.

**71.** O aprofundamento do processo de IVC na vida eclesial deverá envolver, de modo especial, as pastorais de animação e acompanhamento do processo catequético de iniciação, como o itinerário com pais e padrinhos, os grupos e movimentos de adolescentes e jovens e as crianças; também deverá voltar-se aos adultos já batizados, mas não suficientemente iniciados à vida cristã, em estreita articulação com a liturgia.

**72.** Pretende-se passar de uma catequese de instrução para uma metodologia ou processo catecumenal, conforme a orientação do RICA e do *Diretório Nacional da Catequese*. Nesse sentido, padres,

<sup>57</sup> RICA n. 44 e 109

<sup>65</sup> CNBB. Doc. 100. n. 268.

catequistas e a própria comunidade precisam de uma conversão pastoral para rever a catequese de adultos, jovens, adolescentes e crianças. É indispensável seguir os tempos e as etapas do catecumenato e propor, mesmo para os membros da comunidade, uma formação catecumenal que percorra os processos da iniciação, desde o querigma e conversão, até o discipulado, a comunhão e a missão.<sup>66</sup>

**73.** A IVC, pela via catecumenal, segundo o RICA, acontece em **quatro tempos e três etapas**, aqui entendidas como “portas”<sup>67</sup> que se abrem no decorrer da caminhada, dando possibilidade de continuidade; e momentos marcados por uma celebração específica que assinalam a situação do iniciado dentro do processo na passagem para o tempo seguinte. De acordo com a metodologia do RICA, os sacramentos são um sinal marcante na caminhada, mas não o fim do processo. Pelo contrário, a partir desse momento inicia-se a mistagogia, que visa a aprofundar na educação para vivência do mistério pascal por toda a vida.

**74. Os tempos são períodos bem determinados e as etapas são as celebrações de passagem de um tempo para outro.** O processo inteiro é descrito dessa maneira: O pré-catecumenato (1o tempo – Momento Querigmático) – Rito de admissão ao catecumenato (1a etapa); O catecumenato (2o Tempo – Momento Catequético) – Celebração da eleição ou inscrição do nome (2a etapa); Purificação e iluminação (3o Tempo) – Preparação e Celebração dos Sacramentos da Iniciação (3a etapa); e Mistagogia (4o Tempo).

**75.** Apresentaremos aqui a estrutura do processo catecumenal como um itinerário que a pessoa faz nos tempos e etapas a serem percorridos para atingir a maturidade cristã. O primeiro momento, chamado pré-catecumenato, tem grande importância no processo de iniciação e não deve ser omitido: já na *Tradição Apostólica* encontramos, em Hipólito de Roma, fundamentos valorizando esse período.

<sup>66</sup> CNBB. Doc. 100, n. 269.

<sup>67</sup> CNBB. *Estudo* 97. n. 74.



## O primeiro tempo: Tempo do Querigma

**76.** O primeiro tempo do processo de iniciação à vida cristã consiste primariamente na evangelização, isto é, o anúncio do querigma<sup>68</sup>, que, encontrando coração aberto, pode levar aquele que recebe o anúncio a querer livremente pedir a fé da Igreja e, assim, iniciar seu processo de conversão. Ou seja, o pré-catecumenato é dedicado ao primeiro anúncio, é o primeiro grau do itinerário da iniciação à vida cristã, o qual, em nenhuma hipótese, deve ser omitido.<sup>69</sup> Dentre os objetivos centrais dessa etapa estão: o despertar da fé e o desejo de aderir e seguir a Cristo e à Igreja.<sup>70</sup>

**77.** É o tempo da evangelização em que, com firmeza e confiança, se anunciam o Deus vivo e Jesus Cristo, enviado por Ele para a salvação de todos, a fim de que os não-cristãos, cujo coração é aberto pelo Espírito Santo, creiam e se convertam livremente ao Senhor, aderindo lealmente àquele que, sendo o caminho, a verdade e a vida, satisfaz e supera infinitamente a todas as suas expectativas espirituais.<sup>71</sup>

**78.** Nesse tempo, é preciso acolher os “simpatizantes” que chegam por meio de um ato externo tanto por parte dos introdutores como da comunidade; é o momento do despertar e do encantar com o querigma para os próximos tempos que seguirão no itinerário.<sup>72</sup> Nessa fase inicial, três elementos são de fundamental importância: a evangelização, o testemunho e a acolhida.

**68** O querigma é a proclamação de um evento histórico-salvífico e, ao mesmo tempo, um anúncio de vida. Enquanto proclamação de um evento histórico, o querigma é o anúncio de que Jesus de Nazaré é o Filho de Deus que se fez homem, morreu e ressuscitou para a salvação de todos. Enquanto anúncio de vida, o querigma ultrapassa os limites de tempo e de espaço, abraça toda a história e oferece aos homens uma esperança viva de salvação. Cristo está vivo e comunica a sua vida realizando as promessas feitas por Deus Pai ao seu povo, por meio dos profetas, no Antigo Testamento (CNBB, Sub. Dout. 4, 17).

**69** RICA n. 9

**70** DAp n. 278a, 289, 299; DNC n. 43

**71** AG 13, p. 413

**72** Cf. KENP, R., *A Journey in Faith*, (Christian Initiation, 3), p. 32. No número 15, o RICA propõe as condições para entrar no segundo período catecumenal, o que significa que essas condições já tenham sido trabalhadas na etapa pré-catecumenal: “para esse primeiro passo, requer-se que os candidatos já possuam os rudimentos da vida espiritual e os fundamentos da doutrina cristã, a saber: a fé inicial adquirida no tempo do pré-catecumenato, o princípio de conversão e o desejo de mudar de vida e entrar em relação pessoal com Deus em Cristo; já tenham, portanto, certa ideia da conversão, o costume de rezar e invocar a Deus, e alguma experiência da comunidade e do espírito dos cristãos”.

**79.** Urge, para todos os agentes de pastoral, uma formação específica de modo que o Querigma não seja uma incógnita, um enigma com o qual não se sabe tratar, mas uma formação que contribua ao anúncio de Cristo com “novas expressões”, para que o essencial do Querigma chegue com a mesma força salvadora no coração de nossos contemporâneos. Não se trata de uma *etapa*, mas do *fio condutor* do processo que culmina na maturidade do discípulo de Cristo. Sem o Querigma, as demais etapas da iniciação cristã estão condenadas a esterilidade<sup>73</sup>.

**80.** Todo o itinerário do processo da iniciação à vida cristã é relevante, mas esse primeiro momento traz consigo algo importante a partir de uma necessidade antropológica que é a acolhida. Por isso, nesse primeiro momento evangelizador é preciso investir forças vivas na presença e no acompanhamento, pois os simpatizantes devem, de fato, ser acolhidos e acompanhados pessoalmente; precisam receber o anúncio do mistério pascal de Cristo que é capaz de transformar a vida dos que se deixam encontrar por Ele.

**81.** “Acolher” quer dizer antes de tudo, reconhecer o caminho já percorrido pela pessoa, captar seus problemas de fundo, as questões últimas que podem esconder-se atrás de perguntas aparentemente banais. Assim, por exemplo, atrás de expressões como: ‘gostaria de conhecer um pouco melhor o cristianismo’ ou ‘meu filho vai fazer a primeira comunhão, mas eu não fui batizado e nem sequer fui à Igreja’, afloram, às vezes, intenções e momentos decisivos de vida<sup>74</sup>.

**82.** A pedagogia desse momento inicial nos traz luzes na busca de novas estruturas pastorais de acolhida e de ações mais personalizadas, nas quais a atenção se volte para a pessoa. Vivemos no contexto de uma cultura que gera o anonimato e, muitas vezes, a solidão; no entanto, a pedagogia do pré-catecumenato passa essencialmente pela acolhida generosa, o estar junto, a escuta gratuita. Hoje a evangelização antes de ser somente efetiva, deve ser também afetiva, e é aqui que são fornecidos os primeiros fundamentos da fé cristã.

<sup>73</sup> LIMA, L. A., Discípulos e missionário de Jesus Cristo, p. 41-42.

<sup>74</sup> ALBERICH, E.; BINZ, A., Catequese com adultos, p. 34.



**83.** Deve-se ajudar a pessoa a percorrer um caminho que a leve ao compromisso pessoal e consciente por Jesus Cristo, na fé, e, consequentemente, no compromisso com a comunidade eclesial. A evangelização é uma evangelização de ponto de partida, que toca e mobiliza a pessoa inteiramente, no processo de busca, por aquilo que dá sentido à vida. Sem esse querigma evangelizador no qual se começa a crer, não se pode construir o edifício cristão<sup>75</sup>.

**84.** Acompanhando o pré-catecumenato ou tempo do Querigma, acontece o rito de admissão, que é a primeira grande celebração ritual de entrada no catecumenato. Nela, os candidatos, são assinalados com a cruz do Senhor, pois, pela fé, já participam do mistério da morte e ressurreição. Depois são convidados a entrar na Igreja e a ouvir a Palavra de Deus junto com a comunidade; recebem o Livro da Escritura como sinal de sua condição de ouvintes da Palavra. E assim são acolhidos no seio maternal da Igreja e reconhecidos como iniciantes no discipulado: catecúmenos<sup>76</sup>.

### **O segundo tempo: Tempo do Catequese**

**85.** O segundo momento pedagógico e metodológico da IVC é chamado de catecumenato, ou tempo da catequese, um tempo em que os catecúmenos ou catequizandos recebem formação e exercitam-se praticamente na vida cristã. Assim sendo, eles são capazes de amadurecer as disposições que manifestaram pelo ingresso no caminho catecumenal<sup>69</sup>. A catequese é o tempo mais longo, pois dedica-se exclusivamente à instrução catequética. Com isso, o RICA propõe, de forma progressiva, ritos ao longo do caminho com o objetivo de crescimento na fé e, por meio de celebrações litúrgicas, conduzir ao comprometimento da comunidade-igreja com os candidatos.

**86.** A meta é o amadurecimento da fé e da conversão, por um melhor conhecimento do evangelho e do mistério da salvação; a

<sup>75</sup> BOROBIO, D., *Catecumenado para la evangelización*, p. 52.

<sup>76</sup> CNBB, *Estudo 97*, n.79

transformação da vida em Cristo, por uma mudança de vida adaptada à vida da comunidade; e a iniciação na atividade missionária da Igreja, através da participação em atividades eclesiais mais "exemplares"<sup>77</sup>. O RICA indica quatro meios para se chegar a esse resultado:

**a)** A catequese oferecida pela Igreja através dos presbíteros, diáconos, ou catequistas e outros leigos, distribuída por etapas e integralmente transmitida, relacionada com o Ano Litúrgico e apoiada nas celebrações da Palavra, leva os catecúmenos não só ao conhecimento dos dogmas e preceitos, mas também à íntima percepção do mistério da salvação de que desejam participar.

**b)** Familiarizados com a prática da vida cristã, ajudados pelo exemplo e pelas contribuições dos introdutores e dos padrinhos e mesmo de toda a comunidade dos fiéis, acostumam-se a orar facilmente, dar testemunho da fé, guardar em tudo a esperança de Cristo, seguir na vida as inspirações de Deus e praticar a caridade para com o próximo até a renúncia de si mesmo. Assim formados, os recém-convertidos iniciam o itinerário espiritual pelo qual, já comungando pela fé no mistério da morte e da ressurreição, passam do velho homem para o novo, que tem sua perfeição em Cristo. Essa passagem, que acarreta uma progressiva mudança da mentalidade e dos costumes, com suas consequências sociais, deve manifestar-se e desenvolver-se pouco a pouco durante o tempo do catecumenato. Sendo o Senhor, em quem cremos, um sinal de contradição, não é raro que o convertido faça a experiência de rupturas e separações daquilo que impede o caminho para Cristo, mas também de alegrias e profundas convicções que Deus lhe concedera sem medida.

**c)** Ajudados em sua caminhada pela Mãe Igreja, através dos ritos litúrgicos apropriados, já são por eles gradativamente purificados e protegidos pela benção divina. Promovem-se para eles celebrações da Palavra e lhes é proporcionado o acesso à Liturgia da Palavra junto com os fiéis, a fim de se prepararem melhor para a futura participação à vida eucarística dominical. Habitualmente, porém, quando comparecerem à reunião dos fiéis, devem ser delicadamente despedidos antes do início da liturgia eucarística, pois precisam esperar o Batismo pelo

<sup>77</sup> BOROBIO, D. *Catecumenado para la evangelización*. p. 64



qual serão agregados ao povo sacerdotal e delegados para celebrar o memorial da vida de Cristo.

**d)** Sendo apostólica a vida da Igreja, aprendam também os catecúmenos, pelo testemunho da vida e profissão da fé, a cooperar ativamente com a evangelização e edificação da Igreja<sup>71</sup>.

**87.** O tempo da catequese supõe uma fé inicial dos catecúmenos ou catequizandos que já foi despertada no tempo do querigma. Só os que receberam de Deus a fé em Cristo, por intermédio da Igreja, podem ingressar nesta catequese. O tempo da catequese não é mera exposição de dogmas e de preceitos, mas formação convenientemente prolongada da vida cristã, em que os discípulos se unem a Cristo, seu mestre. É iniciação no mistério da salvação ou da vida de fé.

**88.** Nesse tempo, são oferecidos os conteúdos da catequese, que devem ser como mensagem ligada à vida. O catecúmeno é incentivado e auxiliado a estabelecer um diálogo entre o magistério e sua história pessoal. Quando isso acontece, a catequese torna-se plena de sentido, e não meramente conteúdos a serem assimilados, uma vez que seu objetivo não é o mero saber, mas, sim, entrar em conhecimento íntimo do mistério. Não devemos nos prender ao conteúdo, isso já está claro para todos, mas é preciso atenção para ajudar a pessoa a percorrer um caminho de iniciação à vida de fé em comunidade.

**89.** O tempo da catequese encerra-se com o *Rito da eleição*, que acontece geralmente no início da quaresma, começando assim o tempo de purificação e iluminação. A celebração da eleição ou inscrição do nome é muito solene, pois é um momento forte para o catequizando ou catecúmeno. Eles declaram diante do bispo ou de seu representante o desejo e a decisão de se tornarem cristãos. Quem preside, ouvindo o testemunho dos padrinhos em favor dos catecúmenos, acolhe e declara-os aptos a uma preparação mais específica, sendo agora “eleitos” para os sacramentos pascais<sup>78</sup>.

<sup>71</sup> RICA n. 19.

<sup>78</sup> CNBB. *Estudo* 97. p. 83.

**90.** Denomina-se ‘eleição’ porque a Igreja admite o catecúmeno baseada na eleição de Deus, em cujo nome ela age. Chama-se também “inscrição dos nomes” porque os candidatos, em penhor de sua fidelidade, inscrevem seus nomes no registro dos eleitos<sup>79</sup>.

### **Terceiro tempo: Tempo da Purificação e Iluminação**

**91.** O terceiro tempo, chamado de purificação e iluminação, acontece durante a Quaresma. “A última preparação dos ‘eleitos’ coincide com o tempo quaresmal, cujo currículo lhes será proveitoso tanto por sua estrutura litúrgica como pela participação da comunidade.”<sup>80</sup> O tempo forte da Quaresma “renova a comunidade dos fiéis juntamente com os catequizandos e catecúmenos e os dispõe para a celebração do mistério pascal, ao qual os sacramentos de iniciação associam cada um”<sup>81</sup>. Os catequizandos e catecúmenos são auxiliados na revisão de vida e no retorno ao primeiro Amor. Nesse tempo, se intensifica o cultivo da vida interior, a purificação do coração e o aprofundamento da conversão por meio do exame de consciência e pela penitência. Portanto, a pedagogia desse momento é o enfoque na vida interior e não na catequese.<sup>82</sup> Seria aconselhável organizar momentos penitenciais comunitários para os catequizandos; e, para os catecúmenos (não batizados), momentos de iluminação da consciência para abrir o coração às exigências do Evangelho.<sup>83</sup>

**92.** Características próprias desse tempo são os escrutínios, que devem acontecer durante o 3o, 4o e 5o Domingos da Quaresma. Os “escrutínios”, solenemente celebrados aos Domingos, têm em vista um duplo fim: descobrir o que houver de imperfeito, fraco, danoso e maldoso no coração dos eleitos, para curá-los; o que houver de bom, forte, santo, para consolidá-los. Os escrutínios estão, portanto, orientados para libertar do pecado e do que origina nossa maldade, confirmando a pessoa no Cristo, Senhor Nosso: Caminho, Verdade e Vida dos eleitos.

<sup>79</sup> RICA n. 22

<sup>80</sup> RICA n.139

<sup>81</sup> RICA n. 21.

<sup>82</sup> cf. RICA n. 25

<sup>83</sup> Cf. O Ritual da Penitência oferece oportunas opções



**93.** Nesse sentido, fica clara a importância que a quaresma assume no processo da IVC. Ela “renova a comunidade dos fiéis juntamente com os catecúmenos e os dispõe para a celebração do mistério pascal, ao qual os sacramentos de iniciação associam cada um”<sup>84</sup>.

#### **Quarto tempo: Tempo da Mistagogia**

**94.** A celebração dos sacramentos do Batismo, da Confirmação e da Eucaristia na noite Santa da Vigília Pascal é o cume de todo o processo catecumenal e constitui a última etapa desse período. “A Vigília Pascal, centro da liturgia cristã, e a espiritualidade batismal são inspiração para qualquer processo catequético”.<sup>85</sup> “Os eleitos, tendo recebido o perdão dos pecados, são incorporados ao povo de Deus, tornam-se seus filhos adotivos, são introduzidos pelo Espírito Santo na prometida plenitude dos tempos e ainda, pelo sacrifício memorial e a refeição eucarística, antegozam do Reino de Deus”<sup>75</sup>. Por meio dos Sacramentos, o catecúmeno é vinculado plenamente a Jesus Cristo que, também pelos sacramentos, continua a realizar sua obra de salvação na Igreja e pela Igreja.

**95.** A mistagogia é o último tempo pedagógico do processo da IVC, cuja finalidade é fazer com que os novos membros da Igreja possam obter um conhecimento mais completo e frutuoso dos sacramentos que receberam na Vigília Pascal. A comunidade, juntamente com os neófitos, por meio da meditação da Palavra, pela celebração dos sacramentos (principalmente da Eucaristia) e da prática da caridade, vai crescendo no conhecimento mais profundo do mistério pascal que a impulsiona à prática do amor e da justiça pessoal e social.

**96.** O tempo da mistagogia possibilita ao catequizando ou ao novo batizado (neófito) um “conhecimento mais completo e frutuoso dos mistérios através das novas explanações e sobretudo da

<sup>84</sup> RICA n. 21

<sup>85</sup> DNC n. 49c

<sup>75</sup> RICA n.27.

experiência dos sacramentos recebidos”<sup>86</sup>. De acordo com os teólogos, a mistagogia permite atualizar, nas opções e etapas da vida do cristão, uma recordação eficaz dos mistérios do Salvador, com a ajuda da comunidade e sob a ação incessante do Espírito da verdade.

**97.** Esse tempo pedagógico da mistagogia permite a íntima relação entre IVC e formação permanente, pois “o cristão plenamente iniciado está chamado a converter-se no que já é”<sup>87</sup>, “para o cristão, num sentido amplo, começar o tempo da mistagogia, significa iniciar a experiência cotidiana, histórica, dinâmica, do quanto recebeu e seguirá recebendo, porém, agora conjugada com a vida e a história”<sup>78</sup>.

**98.** Terminado o tempo da mistagogia, o novo membro da comunidade deve prosseguir seu caminho de amadurecimento na fé por meio da formação contínua na vida em comunidade e na vivência do amor. Enfim, mistagogia é o tempo do itinerário da IVC em que os neófitos são acompanhados pela ajuda fraterna de toda a comunidade e, assim, se sentem integrados à vida de comunidade, meta de todo o processo da iniciação.

**99.** Como redescoberta, a pedagogia e a metodologia do catecumenato e a nova concepção de catequese acarretarão uma volta às fontes, à pedagogia da Igreja missionária da época patrística, a qual está mais próxima à Igreja do mundo conturbado de nossos dias. Não significa, porém, que devemos voltar às rubricas antigas e ao gosto de arcaísmo, mas voltar à Tradição dos Pais da Igreja. A Igreja, mesmo quando conserva formas do passado, deve encontrar um estilo novo que convenha melhor às exigências do mundo em um contexto de mudança de época. Aqui, restaurar a pedagogia e metodologia catecumenal significa voltar à pedagogia da fé, como nos primeiros séculos, que não administravam os sacramentos como se fossem ritos

<sup>86</sup> RICA n. 38.

<sup>87</sup> CASTELLANO, J. *La iniciación cristiana y el camino espiritual*. In: Phase. p. 63.

<sup>78</sup> Cf. LELO, A. F., *Aplicação do RICA no Brasil*. Revista de catequese. p. 9-10.



mágicos, mas abriam, lentamente, com fases ou graus sucessivos, a fonte de formação e de vida que é a celebração dos sacramentos.

**100.** Segundo as recentes orientações da Igreja, o itinerário catecumenal é uma proposta da ação evangelizadora que deve ser resgatada para que a catequese possa responder aos desafios contemporâneos, promovendo a educação da fé e iniciando cada pessoa à vida cristã.

**101.** É preciso ousar para implantar como itinerário o processo da IVC. Todas as orientações metodológicas da catequese devem propiciar a realização desse processo envolvendo toda a comunidade para que possam dar uma resposta de fé à vida em todas as suas dimensões de forma integral. Todo o nosso esforço deve ser como uma resposta aos desafios que encontramos no seio de cada comunidade para que a ação evangelizadora da Igreja seja eficaz e autêntica a partir do modelo missionário que temos em Jesus Cristo. Somos convidados a desenvolver com mais veemência e criatividade esse processo de IVC como uma catequese que reflita a dimensão, o caráter, o cunho e a feição autenticamente catecumenal, pedidos pela Igreja hoje.

**102.** Propor a pedagogia e a metodologia da IVC, comporta, fundamentalmente, oferecer audaciosas condições para o futuro do cristianismo. Devemos enfatizar que é necessário todo um esforço na busca de renovação paroquial, à luz da pedagogia catecumenal, pois ela visa a favorecer uma profunda experiência de Deus na vida daqueles que estão no processo. Com isso, necessitamos de uma nova linguagem, aprofundar o sentido dos símbolos, homilias mais bem preparadas, rever as estruturas pastorais, para que, assim, se efetivem os processos de IVC.

## CAPÍTULO V

### COMISSÃO DA COORDENAÇÃO DA IVC: DIOCESANA - FORANIAL - PAROQUIAL

**103.** A ação evangelizadora da catequese nos últimos anos deu passos significativos com a proposta dos processos de IVC como novo paradigma pastoral. Em toda parte, percebe-se um fervilhar de novas experiências e métodos mais adequados para orientar os catequistas. Este processo de renovação depara com alguns desafios: a catequese não pode ser baseada na boa vontade, na improvisação. Disso decorre a necessidade de pensar, organizar e atualizar a catequese, buscar novos rumos, animar os catequistas, criar um clima de trabalho mais humano-afetivo. Surge assim a missão do coordenador e do assessor do qual dependem, em grande parte, a dinâmica e a renovação da catequese numa comunidade. “A atividade pastoral não pode processar-se às cegas. O apóstolo não corre em busca do incerto, nem golpeia no ar” (PP. Paulo VI).

**104.** A coordenação é uma “*co-operação*”, uma ação em conjunto, de corresponsabilidade conforme os diversos ministérios. Jesus é a fonte inspiradora na arte de coordenar. Ele não assumiu a missão sozinho. Fez-se cercar de um grupo de colaboradores(as) (cf. *Mc* 3,13-19; *Jo* 1,35-51). Jesus organizou a coordenação caracterizada pelo amor às pessoas e pelos vínculos da caridade e da amizade. Ele conquistava a confiança e delegava responsabilidades. A coordenação catequética promoverá o crescimento das pessoas, abrindo espaços de diálogo com as outras instâncias pastorais, a partilha de vida, a ajuda aos necessitados de alegria e esperança, do incentivo para uma nova humanidade, seguindo, certamente, o estilo de vida de Jesus.

**105.** A preparação da Comissão de IVC de inspiração catecumenal é de fundamental importância. O caminho a ser percorrido na IVC só será possível em um trabalho de equipe. A constituição e organização da Comissão de IVC na paróquia, na forania e na diocese são necessárias para



uma boa articulação das atividades pois, em grande parte, a dinâmica de todo o processo depende desta comissão bem constituída e preparada.

**106.** É a partir de Jesus Cristo que podemos descobrir uma melhor maneira para coordenar a catequese em todos os níveis, sejam eles: diocesano, foranial, paroquial. Nesse sentido, a pessoa que coordena reveste-se de uma mística, de uma espiritualidade, de uma missão. *Coordenar é integrar, animar, avaliar, revisar, celebrar, incentivar a caminhada da catequese.* Jesus é a fonte inspiradora na arte de coordenar. Ele não assumiu a missão sozinho: fez-se cercar de um grupo (cf. Mc 3, 13-19; Jo 1, 35-51). Com ele, vai criando sua comunidade. Em Jesus, a coordenação caracteriza-se pelo amor às pessoas e pelos vínculos de caridade e amizade. Ele conquista confiança e delega responsabilidades.<sup>88</sup>

**107.** A coordenação é o serviço que mantém viva a caminhada da catequese em sintonia com as opções diocesanas e os Diretórios diocesanos que iluminam e apoiam a realidade paroquial. Por isso, toda pessoa que exerce a missão de coordenar encontra seu modelo, sua inspiração e a fonte de graça na pessoa de Jesus. Jesus não assumiu sua missão sozinho: fez-se cercar do grupo dos doze (Mc 3,13). Com eles, vai criando uma comunidade de irmãos e irmãs. Os Evangelhos mostram várias atitudes de Jesus caracterizadas por um amor cordial e concreto pelas pessoas. Vejamos algumas situações:

**a) JESUS CONHECE AS PESSOAS E AS ACEITA COMO SÃO.** Ele parte daquilo que são os discípulos e não daquilo que deveriam ser para conduzir cada um a um crescimento cada vez mais profundo (Jo 20, 27; Lc 22, 61; Lc 24, 13-35).

**b) JESUS EXERCE SUA AUTORIDADE COM CARIDADE.** É aquele que serve (Jo 13, 1-20). *“Eu não vim para ser servido, mas para servir”* (Mc 10, 45). Para Jesus, todos têm uma caminhada a fazer, uma

---

88 DNC n. 314

conversão a realizar, uma esperança a construir. A grande norma do grupo é o mandamento do amor, expressa na imagem do "lava-pés":

- Jesus exerce sua "função" de líder, prestando o serviço do "lava pés" aos discípulos. Mesmo sendo o Filho de Deus, coloca-se a serviço dos discípulos, seus seguidores.

- Com autoridade e zelo, Jesus convence Pedro a deixar lavar seus pés. Muitas vezes precisamos, em nome do ministério catequético, assumir posições de líderes, mas que agem acima de tudo com ternura e compaixão.

- O "lava pés" é modelo de atitudes para qualquer líder, principalmente para nós catequistas, pois nos ensina a criar laços de amizade, (lavar os pés uns dos outros); laços de humildade (serviço, ministério) ...

**c) JESUS SITUA-SE DENTRO DA COMUNIDADE E A DIRIGE COM AMOR.** A presença de Jesus é viva no meio da comunidade: ensina a partilhar e ser solidário em tudo (Jo 6, 1-15). Na missão de coordenar como ministério, precisamos celebrar a partilha, colocando nossos dons em comum. Somos desafiados a colocar nossos dons a serviço de todos, e por isso necessitamos nos tornar mais sensíveis para perceber a necessidade do outro, e sempre estar atento a uma atitude constante de generosidade.

**d) JESUS FALA DA NECESSIDADE DE SUA PAIXÃO** e convida seus discípulos a partilhar sua

Cruz vivida e assumida na fé e na esperança porque, passando por ela constrói-se o Reino (Lc 9, 22-26). Assume-se a postura de Jesus, amando o que é difícil e tomando as críticas como crescimento; ao assumir a minha cruz de cada dia, estou assumindo a vida de Cristo, na caminhada da catequese.

Além de declarar que aceitamos Jesus como nosso modelo para o seguimento e, acima de tudo, para animar e coordenar a partir do seu jeito, enfrentamos muitas vezes aqueles que não querem o novo. Sabemos que toda novidade pode trazer-nos inseguranças e medos,



mas quem se coloca na “estrada” de Jesus não deve temer o novo nem muito menos os desafios do caminho, pois ele nos diz: “Eis que eu estou com vocês todos os dias, até o fim do mundo”. (Mt 28, 20b)

### **e) JESUS CRIOU UMA COMUNIDADE DIRECIONADA À MISSÃO.**

A comunidade é um caminho de crescente fraternidade e abertura para a missão. O apóstolo Paulo nos alerta (Rm 12, 9-21) para que tenhamos os mesmos sentimentos de Jesus Cristo, isto é, que a nossa missão de coordenadores não seja uma forma de vanglória e nem um fardo nos ombros dos outros, mas que seja uma continuidade da missão de Jesus Cristo na edificação do Reino. Para isto, é preciso ser fiel à palavra do Senhor; ser fervoroso ao falar de Jesus, ser apaixonado por Jesus, participar da vida do outro, sem ser indiferente; ao tomar decisões, sempre refletir junto ao grupo (nunca sozinho); enquanto coordenador, dar oportunidades para que o catequista possa crescer no amor fraterno; ser carinhoso uns com os outros; sintonizar com o Espírito Santo de Deus e se deixar conduzir, não pensar que sabe tudo e sempre se esforçar para viver em paz e harmonia com todos.

**108.** A coordenação da catequese deve gerar vida e criar relações fraternas. É promover o crescimento da pessoa, abrindo espaço para o diálogo, a partilha de vida, a ajuda aos que necessitam de presença, de incentivo e de compreensão. Não é uma função, mas uma missão que brota da vocação batismal de servir, de animar, de coordenar. Pela coordenação, o projeto de catequese avança, cria relações fraternas, promove a pessoa humana, a justiça e a solidariedade. A coordenação deve ser missionária, inserida na comunidade, formadora de atitudes evangélicas, comprometida com a caminhada da catequese e com as linhas orientadoras da diocese.<sup>89</sup>

**109.** A coordenação deve ser exercida com alegria, como uma fonte de espiritualidade, como um serviço em prol do Reino: animando os catequistas, abrindo novos horizontes, atualizando-se

---

<sup>89</sup> NC n. 316

continuamente, estando em sintonia com as orientações diocesanas, com a forania e com a paróquia, criando um clima de acolhida, partilha e confiança.

**110.** A coordenação deve criar uma rede de comunicação entre as diversas instâncias: comunidade, paróquia, forania, diocese, regional e nacional. Para isso, é preciso *desenvolver* qualidades necessárias para um trabalho em equipe: capacidade de escutar, de aprender, de dialogar; reconhecer os valores do grupo; proporcionar o crescimento da consciência crítica, da participação e do compromisso; expressar solidariedade nas dificuldades e nas alegrias; ter um espírito organizativo.

**111.** A coordenação precisa *saber lidar* com desencontros, problemas humanos e situações de conflito, com calma, num clima de diálogo, caridade e ajuda mútua. Por isso, busca *perceber* a realidade e a estrutura da graça, mais do que a eficiência e o ativismo. Neste sentido, é preciso *buscar* e partilhar conhecimento atualizado sobre planejamento participativo, visando sempre a *integrar-se* com as demais pastorais (pastoral orgânica).

**112.** A coordenação deve ser organizada em todos os níveis de atuação, com aceitação e acompanhamento do responsável imediato: Comunidade, Paróquia, Forania e Diocese. Em todos os níveis de atuação, a coordenação deverá apresentar os requisitos fundamentais para o exercício de sua missão: formação condizente com sua tarefa, dinamismo, entusiasmo, espírito de comunhão e participação, humildade, testemunho de vida, espiritualidade, vivência sacramental, equilíbrio psicológico, capacidade de trabalhar em equipe, afetividade, espírito de fé e oração.

**113.** A coordenação deverá participar das reuniões e demais eventos promovidos pela Paróquia, Forania, Diocese, sempre que solicitado. A participação em atividades extra-paroquiais é fundamental

para o crescimento da comunidade. A comissão de coordenação precisa reunir-se constantemente para rezar, estudar e aprofundar a situação da ação evangelizadora da catequese.

### **Comissão de Coordenação Paroquial**

**114.** A comissão de Coordenação Paroquial deve atuar em profunda comunhão com as orientações da Igreja sobre a IVC, aprofundando-se nos Diretórios em nível universal da “Santa Sé”, Continental, Nacional e Diocesano. A comissão paroquial deve estar em sintonia com as coordenações diocesanas e forâneas.

**115.** A comissão de coordenação em nível paroquial poderá ser desdobrada em coordenações específicas dos diferentes segmentos: catequese com pais gestantes; itinerário com pais e padrinhos; catequese com a crianças da primeira infância; catequese com crianças da segunda infância; catequese de Perseverança com pré-adolescentes; catequese com Adolescentes e Jovens; catequese com Adultos, entre outras, desde que todas trabalhem de forma integrada e sob a orientação da Coordenação Geral Paroquial e do Pároco ou Administrador. Onde houver comunidades (capelas), a coordenação deverá ser integrada à comissão paroquial.

**116.** Cabe à coordenação paroquial promover a catequese nos diversos níveis, zelando para que não falem catequistas, planejando os recursos e materiais necessários; promover um estreito diálogo com o pároco ao longo do processo catequético; promover encontros de formação; garantir os estudos dos itinerários de formação com catequistas em seus diversos níveis; e, junto com os catequistas, promover encontros com as famílias.

**117.** Toda paróquia deverá ter uma *Comissão de Animação Bíblico-Catequética* sob a orientação pastoral do Pároco ou Administrador paroquial. Ela envolverá membros das comunidades e catequistas dos vários segmentos da catequese. São tarefas dessa equipe:

- a) *estar integrada* e presente no Conselho Pastoral da Paróquia ou da comunidade;
- b) *articular* com todos os catequistas os projetos e programas assumidos em conjunto;
- c) *estar em sintonia* e integrada com a programação paroquial;
- d) *assumir* as propostas da catequese em nível diocesano e as orientações aprovadas pela Diocese;
- e) *organizar* equipes nos vários segmentos de catequese (adultos, matrimônios junto com a Pastoral Familiar, batismo, confirmação, eucaristia, catequese junto às pessoas com deficiência...);
- f) *promover* reuniões periódicas para programar e avaliar; dar nova condução a trabalhos sem eficiência, corrigindo as falhas;
- g) *assegurar* formação adequada e permanente dos catequistas, em nível local, sistematizando jornadas, semanas, escolas paroquiais de catequese;
- h) *sistematizar* uma catequese permanente com os pais e promover ações referentes à formação com adultos;
- i) *suscitar* a troca de experiências entre as comunidades paroquiais (DNC 325).

### **Comissão de Coordenação Forânea**

**118.** A comissão de coordenação da catequese na forania é realizada por um grupo de catequistas que se reúnem para organizar, planejar, acompanhar e avaliar a catequese em nível forâneo.

**119.** A comissão de coordenação da catequese na forania é composta por: um membro do clero ou uma religiosa(o) da forania, sendo este um referencial para a dita comissão, e pelas coordenações paroquiais, podendo ser até três pessoas por forania.

**120.** Os catequistas que compõem a comissão da forania deverão eleger **três pessoas** para coordenar a forania e serem representantes da forania em nível diocesano, são elas: coordenação, vice-coordenação e secretaria.

**121.** A comissão de coordenação forânea deve articular as propostas diocesanas e da forania, zelando pela unidade de toda ação evangelizadora da catequese a serviço da IVC.

**122.** A comissão de coordenação forânea deve assessorar as coordenações paroquiais nos diversos serviços da catequese, especialmente na formação permanente dos catequistas e cuidar da integração e organicidade da catequese nos diversos níveis da ação pastoral.

### **Comissão de Coordenação Diocesana**

**123.** A organização da catequese na diocese tem como ponto de referência o Bispo e sua equipe de coordenação da pastoral diocesana.<sup>90</sup> A coordenação diocesana da catequese é formada por uma equipe que compreende o bispo, padres, diáconos, religiosos e catequistas.

**124.** A comissão diocesana de animação Bíblico-Catequética é composta pelos membros: Bispo Diocesano; Assessor Diocesano da Catequese; Coordenadores Diocesanos da Catequese e membros que representam cada uma das Foranias.

**125.** A coordenação da comissão diocesana é um organismo consultivo que, sob a regência e acompanhamento do Bispo diocesano e do Assessor Diocesano, devidamente nomeado pelo Bispo e orientado pelo seu respectivo Vigário Episcopal para a Pastoral, tem a missão de planejar, organizar, promover, coordenar e avaliar a pastoral orgânica da catequese na diocese, exprimindo a natureza eclesial do processo de elaboração do plano pastoral na Igreja Particular.

**126.** Compete ao assessor (a) auxiliar a respectiva comissão para que cumpra bem sua finalidade. Deverá, sobretudo, ocupar-se da formação dos catequistas, aprofundando a identidade e a missão da catequese a

<sup>90</sup> cf. DGC n. 217 e 265; cf. CDC 775; AS cap. V, item 3

serviço da IVC. Proporá programas, métodos ou estratégias que visem a tornar mais eficiente o trabalho da ação evangelizadora da catequese.

**127.** A coordenação da comissão diocesana é eleita em *Assembleia pelos catequistas que coordenam a forania*, devendo ser eleitos seis catequistas para compor a coordenação diocesana.

**128.** A comissão diocesana de Animação Bíblico-Catequética é o organismo responsável pela coordenação e elaboração do projeto de catequese implantado e desenvolvido em toda a extensão territorial da diocese, que é compreendida a partir das foranias, em comunhão com o Bispo diocesano, sob orientação do Plano Pastoral Diocesano, os agentes de pastoral e demais catequistas, numa pastoral orgânica de conjunto e mútua cooperação, orientada para a evangelização e formação cristã do povo de Deus.

**129.** A Comissão Diocesana de animação Bíblico-Catequética assume tarefas fundamentais, como:

**a)** *buscar* uma visão clara da realidade geográfica, histórica, cultural, socioeconômica e política da diocese;

**b)** *perceber* os desafios, as ameaças e as oportunidades com relação à prática catequética;

**c)** *elaborar* um planejamento com objetivos claros, ações concretas, integrado com a pastoral da diocese;

**d)** *estabelecer* os itinerários e a modalidade da catequese segundo a pedagogia catecumenal para as diversas idades, especialmente para adultos, tanto batizados como não batizados;

**e)** *discernir* sobre a idade, duração das etapas, celebrações e outros elementos necessários para o bom andamento da catequese;

**f)** *elaborar* ou sugerir para a diocese instrumentos necessários para a educação da fé de seus membros como: textos, manuais, subsídios e programas para diferentes idades;

**g)** *promover* uma aprimorada formação dos catequistas, sobretudo das coordenações paroquiais, envolvendo-os em



jornadas, reuniões, escolas catequéticas, retiros, momentos de oração e de confraternização;

**h) apoiar** as coordenações paroquiais em suas iniciativas, dando-lhe sustento por meio de reuniões, subsídios, jornais catequéticos, revistas;

**i) criar e organizar** escolas catequéticas diocesanas com programas e conteúdos adequados à realidade, com maior atenção à formação bíblica, litúrgica e metodológica;

**j) prover** fonte de recursos e uma sustentação econômica para o projeto catequético diocesano;

**k) integrar** a catequese com a liturgia, os ministérios, as pastorais e ações prioritárias assumidas;

**l) efetivar** os compromissos assumidos em nível nacional e aprovados pela CNBB, entre os quais a elaboração ou renovação do Diretório Diocesano de Catequese;

**m) ler,** estudar e aprofundar documentos elaborados em nível nacional, latino-americano e universal, colocando-os na prática com os catequistas;

**n) participar** com responsabilidade das reuniões efetivadas em nível regional;

**o) utilizar** os meios de comunicação e a internet para possibilitar um intercâmbio e maior aprofundamento;

**p) detectar** os “novos areópagos” da catequese no âmbito da diocese (DNC 329).

## CAPÍTULO VI

# FORMAÇÃO INTEGRAL COM CATEQUISTAS: ELEMENTOS E ITINERÁRIOS PARA A FORMAÇÃO

**130.** A comunidade não pode deixar o catequista sozinho: deve proporcionar-lhe um caminho de formação e amadurecimento na fé com os catequistas. A evangelização procura também o crescimento, o que implica levar a sério, em cada pessoa, o projeto de Deus em Jesus Cristo. Cada ser humano precisa sempre mais de Cristo.<sup>91</sup> Por isso, a Igreja dever oferecer sempre caminhos formativos aos candidatos ao ministério da catequese para que elas possam amadurecer e conscientizar-se neste dom carismático a serviço da comunidade.<sup>92</sup>

**131.** É preciso propor uma formação integral e processual do discípulo que responda ao tempo em que se vive, a partir de uma expressão de fé adulta e comprometida.<sup>80</sup> Por isso, *a formação não pode ser ocasional ou reduzida a um mero “cursinho”, mas precisa ser orgânica, progressiva, vivencial e comprometedora.* Para isso, é imprescindível fornecer uma catequese permanente e uma boa espiritualidade sacramental, que abram caminho para a conversão inicial e permitam que o discípulo-missionário possa perseverar na vida cristã e na missão em meio ao mundo que o desafia.<sup>93</sup>

**132.** Uma tendência muito difundida em nossos dias oferece propostas para ser cristãos independentemente do Magistério da Igreja. Nada mais perigoso do que uma tendência como essa, pois graças também ao conhecimento, a fé no Senhor se torna um ato livre da pessoa e não um gesto desgastado de pertença a algum “pop star da fé”, com pregações e formações por vezes já superadas. É tempo de retomar com convicção uma formação consistente e

<sup>91</sup> EG n. 160

<sup>92</sup> Cf. NETO, João dos Santos Barbosa. *Catequista educador e comunicador da fé*. Vozes, 2023. p. 48.

<sup>80</sup> Cf. CELAM. *A caminho de um novo paradigma para a catequese*. Brasília. 2008. p. 21.

<sup>93</sup> DAp n. 278c

continuada, dirigida a todos os fiéis, respeitando os diferentes estágios e metodologias, mas voltada a oferecer a compreensão do mistério cristão em vista de uma experiência coerente com tudo aquilo que se crê. Isto é, dar uma razão sólida do porquê de crer.

**133.** *Considerar que os catequistas são vocacionados.* Nesse sentido, é preciso levar em conta que, da mesma forma como a Igreja se empenha pela promoção das vocações religiosas e ao Ministério ordenado, seria também necessário pensar na vocação do catequista: conscientizar a comunidade sobre a sua importância; promover o convite às pessoas; discernir sobre quem tem o carisma para se preparar para essa missão, etc. Seria conveniente a criação de uma animação vocacional dos catequistas e até mesmo de uma Pastoral dos Catequistas: não se cuida apenas dos interlocutores do processo da IVC, mas, sobretudo, dos agentes de pastoral envolvidos (cuidar do cuidador). Assim, orientamos que as coordenações diocesanas tenham presente em seus planos diocesanos a promoção da cultura vocacional para os catequistas, elaborando passos para sensibilização, discernimento, acompanhamento e adesão à vocação.

**134.** *Considerar o Ministério como o coroamento de uma caminhada.* O Ministério não é algo a ser alcançado pelo catequista, mas é fruto de um processo. Desse modo, o catequista poderia ter uma experiência inicial, por um tempo razoável, antes de receber o Ministério. É conveniente considerar que o catequista iniciante deve receber acompanhamento adequado. Um catequista mais experiente pode ser o *introdutor do novato*, seguindo o “estilo de acompanhamento” proposto pelo *Diretório*.<sup>94</sup> Depois dessa fase inicial (acolhimento), o catequista é encaminhado para a etapa de aprofundamento (formação ministerial básica e específica). A história e a caminhada de cada pessoa devem ser consideradas, de modo que ela possa se formar de modo gradativo.

---

<sup>94</sup> PONTIFÍCIO CONSELHO PARA A PROMOÇÃO DA NOVA EVANGELIZAÇÃO. *Diretório para a Catequese*. Brasília: Edições CNBB, 2020.

**135.** *Promover uma formação de inspiração catecumenal*, considerando-a como seu critério fundamental, conforme orientam os diretórios catequéticos: “seria muito difícil para o catequista improvisar, na sua ação, um estilo e uma sensibilidade para os quais não tivesse sido iniciado durante a sua própria formação.”<sup>95</sup> Certamente, presenciamos grandes avanços no processo de IVC e de uma catequese de inspiração catecumenal; porém, é preciso avaliar se a formação de catequistas seguiu na mesma linha.

**136.** *Realizar uma formação global e integral*. Convém, como recomenda o *Diretório para a Catequese*, seguir os âmbitos formativos já conhecidos: ***ser, saber e saber fazer***.<sup>96</sup> A formação deve ter o cuidado de não somente desenvolver a capacitação didática, metodológica e técnica do catequista, mas principalmente sua vivência pessoal e o desenvolvimento de sua maturidade humana e comunitária, além do seu compromisso com a transformação do mundo: a missão comum para os leigos se refere primeiramente ao mundo.<sup>97</sup> Uma formação global (integral) considera uma diversidade de dimensões: humana, espiritual, teológica, pastoral, missionária... Hoje, há muitas escolas e cursos de formação, porém com lacunas na formação laical, de modo que ainda é preciso crescer em algumas dimensões: na eclesialidade, na sinodalidade, nas estruturas de comunhão, nos mecanismos que dão ao leigo o seu protagonismo, na inserção do leigo no mundo e no crescimento humano (existencial).

**137.** *Formar sujeitos eclesiais*.<sup>98</sup> Os catequistas devem ser cristãos autônomos, adultos na fé. Vivem uma experiência eclesial em sua comunidade de fé, sendo representantes da comunidade: ***origem e meta da catequese***.<sup>99</sup> Nesse sentido, é necessário considerar

<sup>95</sup> DGC n. 237.

<sup>96</sup> DC n. 136-150.

<sup>97</sup> CELAM. *Documento de Aparecida*: Documento Conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e Caribenho. Brasília-São Paulo: Edições CNBB-Paulus-Paulinas, 2008.

<sup>98</sup> CNBB. *Cristãos Leigos e Leigas na Igreja e na Sociedade – Sal da Terra e Luz do Mundo* (Mt 5,13-14). (Documentos da CNBB, 105). Brasília: Edições CNBB, 2016.

<sup>99</sup> DC n. 133.



a inserção do catequista no grupo de catequistas: “nele, junto com os presbíteros, codivide-se tanto o caminho da fé quanto a experiência pastoral, amadurece-se a identidade de catequista e se toma cada vez mais consciência do projeto de evangelização. A escuta das exigências das pessoas, o discernimento pastoral, a preparação concreta, a realização e a avaliação dos itinerários de fé se apresentam como os momentos de um laboratório formativo permanente para cada catequista. O grupo de catequistas é o contexto real em que cada um pode ser continuamente evangelizado e permanece disponível para novas abordagens formativas.”<sup>100</sup> O catequista é formado para que seja uma pessoa aberta ao diálogo fecundo com toda a comunidade, considerando que o projeto de IVC não é somente da pastoral catequética, mas, abrange toda a pastoral orgânica paroquial.

**138.** *Considerar a diversidade das modalidades formativas.* Não basta propor momentos formativos apenas com palestras, e sim com processos que realmente sejam efetivos no envolvimento dos catequistas, despertando neles novas experiências e atitudes. A formação acontece no encontro de pessoas, na partilha vital, na vivência comunitária da fé, na oração, nos momentos lúdicos e festivos... Como nos tempos da Igreja primitiva, exige-se, hoje, uma formação experiencial.<sup>101</sup>

**139.** *Formar para o mundo digital.* É preciso ter atenção aos novos canais que se tornaram usuais pela amplificação do mundo digital. Certamente, será necessária uma formação sobre esse âmbito. Não basta que os agentes de pastorais tenham acesso e *know-how* sobre a utilização das novas tecnologias, mas sim que tenham discernimento para se inserir no mundo da comunicação e sejam aptos para formar cristãos na mesma linha. O Sínodo sobre a Sinodalidade (2023-2024) diz no documento final que a missão nos ambientes digitais deve ser apoiada pela Igreja. (cf. 113). A Igreja deve

---

<sup>100</sup> DC n. 134.

<sup>101</sup> DC n. 130.

valorizar a comunicação, utilizando todos os recursos propícios para a comunicação do Evangelho. Deve estabelecer como meta em seus itinerários educativos uma adequada formação para o convívio com o mundo a comunicação.<sup>102</sup>

**140. Priorizar a formação bíblica.** O objetivo é a superação dos subjetivismos irracionais e/ou das leituras ideológicas. Assim, continua válida a pergunta que o apóstolo Filipe fez ao etíope: “*Compreendes o que estás lendo?*” (At 8,30). A Igreja, de acordo com a sua tradição, dedica-se amplamente ao estudo da Bíblia. Em especial, isso ocorre onde se estuda *Teologia*, a sagrada ciência eclesial. Descobre-se, assim, a inteligência da fé em Jesus Cristo, inclusive as dimensões éticas nela imbuídas. Nesse contexto, deve-se priorizar o estudo do Evangelho, que, compreendido de forma autêntica, ilumina, de forma ímpar, o que o ser humano é capaz de pensar e amar. Assim o manifestaram profeticamente os bispos em Aparecida: “Ou educamos na fé, colocando as pessoas em contato com Jesus Cristo e convidando-as para segui-lo, ou não cumprimos nossa missão evangelizadora.”<sup>103</sup>

**141. Dar atenção à Doutrina Social da Igreja.** Junto com a fidelidade ao Evangelho de Jesus, o catequista é chamado a conhecer as problemáticas socioculturais em que vive. Procurará perceber a forma de pensar, sentir e agir de modo reflexivo, procurando-o, com a ajuda das ciências humanas, à luz dos princípios da Doutrina Social da Igreja,<sup>104</sup> pois, a catequese, com a contribuição da DSI, aprenderá a olhar a realidade à luz evangélica para aprender a avaliar as consequências das estruturas perversas do pecado, que tem impacto negativo sobre o tecido social e o meio ambiente; pois, o amor pela sociedade e o compromisso com o bem comum são uma forma eminente de caridade.<sup>105</sup> Por isso, é preciso que se considere

<sup>102</sup> Cf. CNBB. *Diretório de comunicação da Igreja no Brasil* 232. Podemos ler MICHELETTI, G.D. *Catequese e Evangelização*. Aparecida: Santuário, 2024. p. 115-121.

<sup>103</sup> DAp n. 287.

<sup>104</sup> DpCat n. 146.

<sup>105</sup> LS n. 231; DpCat n. 390; EG n. 182-185



efetivamente a missão cristã na sociedade, sobretudo diante das recorrentes visões distorcidas que tendem a reduzir a vida cristã ao âmbito do culto. De outro lado, diante das acirradas polarizações no campo político e social, faz-se ainda mais necessário educar os cristãos para que tenham consciência dos valores evangélicos que norteiam a vida em sociedade. O Sínodo nota a necessidade de uma difusão da Doutrina Social da Igreja.

**142.** *Incluir a formação sobre as dimensões socioambientais da fé cristã.* Sobretudo a partir da Encíclica *Laudato Si'* sobre o cuidado da casa comum, publicada pelo Papa Francisco em 2015, a Igreja compreende que o amor a Deus e ao próximo, necessariamente, deve incluir o *amor à natureza*, sendo essa última contemplada como criação e, portanto, como Palavra de Deus. Por consequência, a catequese, como um dos *âmbitos educativos*,<sup>106</sup> deve incluir a educação ambiental. Não se trata de um subjetivismo irracional ou de mera opção política, mas de uma racionalidade que nasce da sabedoria e da inteligência da fé cristã, considerada em sua globalidade.

---

**106** FRANCISCO, PP. Carta Encíclica *Laudato Si'* sobre o cuidado da Casa Comum. (Documentos Pontifícios, 22). Brasília: Edições CNBB, 2016.

## CAPÍTULO VII

### MINISTÉRIO LAICAL DE CATEQUISTA: CRITÉRIOS PARA A INSTITUIÇÃO

**143.** Na Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), o assunto vinha e voltava, emergia e submergia. Em 2007, foi até objeto de um estudo muito bem elaborado, o *Documento de Estudo 95* da CNBB. Já naquele tempo, em alguns setores, o pensamento estava bem amadurecido, porém a ressonância não foi muito forte. Mas não podemos negar que surgiram boas experiências pelo Brasil afora. Claro, nem tudo foi retilíneo, contudo, onde houve boa preparação dos catequistas ministros, cresceu sensivelmente a estabilidade no serviço catequético. A rotatividade diminuiu muito, justamente porque o catequista ministro vivenciava melhor a natureza vocacional e missionária de sua identidade.

**144.** Por outro lado, quando se apressou o processo, sem uma suficiente compreensão do seu sentido, parece ter-se apresentado até um certo desencanto. O título de *catequista ministro* pareceu um prêmio, no entanto, mantiveram-se as fragilidades e os cansaços. E não foi um erro, afinal, nenhum caminho nasce maduro. Mas ficaram lições preciosas. O reconhecimento do Ministério de Catequista requer, tanto da Igreja quanto dos catequistas, uma “reaproximação catecumenal” à identidade do catequista. O catequista será instado a passar do “modo de fazer” para o “modo de ser”.

**145.** O Ministério eclesial, qualquer um deles, será bem direcionado se tiver olhos fixos no Senhor. E isso não acontece apenas com entusiasmo: já os evangelistas nos ensinam, com a Palavra: “*Mestre, eu te seguirei aonde fores*” (Mt 8,19). A resposta de Jesus apontava para maior reflexão: “*As raposas têm tocas...*” (Mt 8,20). O entusiasmo era bem pronunciado, mas a compreensão era insuficiente.



**146.** Também Marcos pode nos ajudar. Ele destaca com cuidado os encontros de Jesus com os discípulos “*em casa*” (Mc 9,33; 10,10). Em ambos os casos, os discípulos estavam perplexos – até divididos. O seguimento afigurava-se a eles muito exigente. Estavam em viagem para Jerusalém. “Em casa”, o Senhor lhes falava. A Palavra ressoava, eles ouviam e retomavam o caminho. É isso que se quer com estes *Crêrrios e Itinerários para a Instituição do Ministério de Catequista*, que a nossa comissão diocesana transcreveu adaptando à nossa realidade do texto publicado pela CNBB.

### **O Documento do Papa Francisco “*Motu Proprio Antiquum Ministerium*”**

**147.** A Carta Apostólica em forma de *Motu Proprio Antiquum Ministerium* (2021), é uma espécie de coroamento de um caminho de prática e de reflexão sobre a catequese, suscitado pelo Concílio Vaticano II. Nela, ganha destaque a proposta de retorno às fontes, buscando, no catecumenato dos primeiros séculos, elementos basilares que proporcionem a mudança de uma catequese vista apenas como transmissora de conteúdos da fé, para uma catequese querigmática, mistagógica e bíblica e, assim, com uma intrínseca relação com a liturgia. Tudo isso favoreceu o reconhecimento de quem, na prática, exerce essa missão evangelizadora por vocação: os(as) catequistas.

**148.** Foram norteadores desta reflexão os três Diretórios sobre a Catequese para toda a Igreja (de 1971, 1997 e 2020), que desencadearam no Brasil diversas discussões e documentos que conduziram a um processo de catequese a serviço da IVC, promovendo uma ampliação de seu próprio conceito. Podemos citar o *Catequese Renovada* (1983), o *Diretório Nacional de Catequese* (2006) e o *Documento de Estudo 97* (2009), que culminou no *Documento 107* sobre a IVC (2017).

**149.** Dentro desse processo de renovação catequética, enfatizou-se a importância da figura do catequista e, com isso, nasceu um estudo

sobre a possibilidade de instituição do Ministério de Catequista pela Igreja: o *Documento de Estudo 95* da CNBB (2007). Assim, a instituição do Ministério laical de Catequista, estabelecida pelo Papa Francisco, é como uma resposta direta aos nossos anseios.

**150.** A instituição de um serviço como Ministério, por parte da Igreja, é uma ação que coloca em evidência sua importância. A instituição do Ministério de Catequista é, para nós, a confirmação do reconhecimento da missão do(a) discípulo(a)-missionário(a), que responde com alegria ao chamado do Senhor, para anunciar e testemunhar com a própria vida o seu grande amor. Assim, podemos compreender que a instituição do Ministério de Catequista para os leigos e leigas é uma possibilidade de visibilizar a especificidade de sua missão, que implica ser testemunha da fé e mistagogo, ao mesmo tempo.

**151.** Como afirma o documento, “Ministério antigo é o de Catequista na Igreja.”<sup>107</sup> Desde as primeiras comunidades, muitos se dedicaram à transmissão do Evangelho por meio de ensinamentos, como também, por meio do anúncio e do testemunho. O texto de *João* (20,1-18) coloca em relevo a figura de Maria Madalena como anunciadora da Ressurreição, uma missão dada a ela de modo particular pelo próprio Jesus. Essa passagem nos ajuda a compreender a importância do anúncio, passo fundamental na evangelização, a partir de quem fez uma profunda experiência de encontro com o Mestre e, nele, acredita e deposita toda a sua esperança.

### **Ministério para o serviço generoso na gratuidade**

**152.** Maria Madalena foi a primeira a dar testemunho da Ressurreição diante dos apóstolos, missão recebida depois do encontro com o Crucificado-Ressuscitado. O texto sublinha algumas

---

<sup>107</sup> FRANCISCO, PP. Carta Apostólica em forma de *Motu Proprio Antiquum Ministerium*: pela qual se institui o Ministério do Catequista (Documentos Pontifícios, 48). Brasília: Edições CNBB, 2021.

atitudes de Maria Madalena que deveriam ser paradigmáticas para todos os discípulos missionários. No v. 1, ela vai ao túmulo enquanto ainda estava escuro. Isso pode significar que tinha pressa e tinha o desejo ardente de chegar o mais rápido possível ao local onde estava o seu amado Senhor, mesmo sendo inapropriado. Em seguida, após chegar lá e deparar com a pedra do túmulo removida, retorna para dizer a Pedro e ao Discípulo amado que tiraram o Senhor do túmulo. Eles vão ver, mas voltam para casa ao encontrar o túmulo vazio (v. 2-10). Ela, porém, permanece lá. É perseverante. Todos se vão, mas ela permanece. O amor a fazia estar lá e a dor a fazia chorar. Queria ver o seu Mestre pelo menos mais uma vez e, por isso, inclinou-se novamente para olhar dentro do túmulo (v. 11). E, para sua surpresa, encontra-se com Ele e reconhece-o quando a chama pelo nome: “Maria” (v. 16).

**153.** Ser chamada pelo nome e ser enviada a anunciar que viu o Senhor e o que Ele lhe havia dito – *“vai dizer aos meus irmãos que eu subo para junto do meu Pai e vosso Pai, meu Deus e vosso Deus”* (v. 17) – é sinal da confiança depositada por Jesus, pois certamente conhecia sua busca sincera de segui-lo com todas as suas forças. Ao permanecer no túmulo, Maria Madalena demonstra outro aspecto fundamental do seguidor de Jesus: acreditar na vida, mesmo onde ela não mais pareça existir.

**154.** O anúncio da Ressurreição de Jesus para aqueles que com Ele haviam convivido seria como um reacender da chama da esperança. Em nossa realidade, há aqueles que ainda não conhecem a Jesus, mas são muitas as pessoas que já receberam um primeiro anúncio sobre a vida, a morte e a Ressurreição de Jesus. O querigma foi realizado em muitos lugares; porém, por inúmeros fatores, muitos precisam ouvi-lo quantas vezes forem necessárias. Esse anúncio fundamental, “Jesus Cristo ama-te, deu a sua vida para te salvar, e agora vive contigo todos os dias para te iluminar, fortalecer, libertar”,<sup>108</sup> convoca-nos a dar uma resposta de amor a um amor infinito.

---

**108** FRANCISCO, PP. Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*: a Alegria do Evangelho sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual (Documentos Pontifícios 17). Brasília: Edições CNBB, 2015.

**155.** É a partir dessa resposta que se aprofunda a própria fé nesse amado Mestre e Senhor. Hoje, inúmeros leigos e leigas continuam a atuar como catequistas, que anunciam, testemunham e ensinam. E essa é uma missão fundamental para a vida da Igreja. Dentre eles, a maioria é formada por mulheres que, assim como Maria Madalena, compartilham do seu tempo para serem anunciadoras do Evangelho de Cristo, com perseverança, coragem e alegria.

**156.** Com isso, a Igreja reconhece o Ministério do Catequista, indicando também os passos a serem dados no que se refere à sua instituição. Na *Antiquum Ministerium*, há um convite para que as Conferências Episcopais (no Brasil a CNBB) estabeleçam o processo formativo necessário e os critérios normativos para a realização da instituição do Ministério de Catequista.<sup>109</sup>

**157.** A instituição do Ministério de Catequista deve ser, para toda a diocese, mais um motivo de unidade e de comunhão, na diversidade de dons e ministérios que se colocam a serviço da comunidade eclesial para o seu amadurecimento e crescimento. Mais uma vez, reiteramos que ser instituído como catequista significa *visibilizar para todos a confirmação do seu sim para um serviço importantíssimo*, mas que requer muita dedicação e esforço para testemunhar com a própria vida a fé, a esperança e o amor – e nisso consiste o “poder” que lhe é conferido por meio desse Ministério.

**158.** Em sua Carta Apostólica *Antiquum Ministerium* (2021), o PP. Francisco institui “o Ministério laical de Catequista” (n. 8), dando ênfase à importância da formação dos agentes. Afirma o Papa que aqueles que se aproximam deste Ministério “recebam a devida formação bíblica, teológica, pastoral e pedagógica, para ser solícitos comunicadores da verdade da fé” (AtM 8). Diante da visibilidade, da estabilidade e da importância do Ministério agora instituído, será imprescindível uma formação sólida.

---

109 AtM n.9

## Catequistas já atuantes

**159.** No atual momento, com os catequistas da nossa diocese, estamos vivendo um projeto de formação que tem a proposta de **três níveis**: Primeiro nível - Segundo nível e o Terceiro nível. Claro que também não desconsideramos toda uma caminhada anterior, que já aconteceu em nossa história diocesana. Apresentamos abaixo, à luz das orientações da CNBB os critérios para que os catequistas recebam o Ministério.

**160.** Os critérios para que catequistas já atuantes recebam o ministério são:

- a) ser membro participante e atuante da comunidade;
- b) ser escolhido pela comunidade eclesial: a escolha cabe ao pároco, em diálogo com as coordenações paroquiais da IVC (IVC) e outros grupos que ele julgar oportuno;
- c) ter no mínimo 20 anos de idade e, no mínimo, 5 anos de atuação e experiência na catequese. Tal critério leva em consideração que, na transmissão da fé, não basta apenas a experiência de anos: é preciso estar atento aos atuais desafios de contextos que exigem a leitura dos sinais dos tempos, conversão, busca de novos processos e novas metodologias.<sup>110</sup>
- d) ter participado da formação básica proposta pela diocese;
- e) ter participado da formação específica e imediata para a recepção do Ministério, de acordo com as orientações da CNBB.

## Catequistas iniciantes

**161.** A médio prazo, será necessário um caminho relativamente longo (4 a 5 anos) para que se receba o Ministério. Destacamos que esse período não será unicamente destinado à formação intelectual, mas incluirá o caminho vocacional do catequista, sua atuação e experiência na catequese.

<sup>110</sup> CNBB, Doc, 107. n.233

**162.** Os critérios para que catequistas iniciantes recebam o Ministério são:

**a)** ser escolhido pela comunidade eclesial: a escolha cabe ao pároco, em diálogo com as coordenações paroquiais da IVC e outros grupos que ele julgar oportuno;

**b)** ter no mínimo 20 anos de idade;

**c)** ter participado do itinerário de preparação, de acordo com as orientações da CNBB: atuação e experiência na catequese de no mínimo 5 anos;

**d)** cumprimento de todas as etapas de formação. A formação realmente o ajuda a amadurecer com pessoa, como fiel e como apóstolo.<sup>111</sup>

**163.** Com relação à idade mínima para a instituição como ministro da Catequese, consideramos o disposto na Carta Apostólica *Ministeria Quaedam* de São Paulo VI, que afirma ser de competência da Conferência Episcopal determinar a idade conveniente para os ministérios de leitorado e acolitado (MQ, VII, b). É importante salientar que, nesta definição, não se aplica a analogia com a idade mínima para a admissão ao sacramento da Ordem, que é de 23 anos, de acordo com o CDC 1031, uma vez que o diácono transitório, nesta idade, já fora instituído em outros ministérios.

**164.** Um ministério instituído é um modo de serviço vocacional formal dentro da Igreja, que pode ser constituído por leigos, como um leitor ou um acólito; ou ordenados, como um diácono ou sacerdote. O ministério laical de catequista, recém-instituído, é composto por leigos que têm uma vocação particular para servir a Igreja Católica como mestres da fé. O ministério é “*estável*”, o que significa que “*dura a vida toda*”, mesmo que a pessoa não o exerça ativamente em algum momento da vida. O catequista colabora com o bispo local e com os presbíteros no ensino da fé inserido numa comunidade eclesial.

---

111 DpCat n.136

**165.** É assegurada a estabilidade ao catequista instituído como ministro, de acordo com os critérios e itinerários expostos pela CNBB e segundo o rito oficial. Destacamos que o ministério estável não comporta uma segunda instituição ou renovação, de modo análogo aos ministérios do leitorado e acolitado, que não são renovados<sup>112</sup>. No entanto, há que se atentar para a distinção entre o ministério e o seu exercício. A Conferência Episcopal pode regular a duração do exercício do ministério.

### **Movimentos eclesiais e o ministério de Catequista**

**166.** A catequese é um serviço importante na comunidade eclesial missionária, que nasce do envio de Jesus (cf. Mc 16,15). Faz com que a mensagem de Cristo chegue a todas as pessoas, tendo o querigma e a mistagogia como fio condutor de todo o itinerário com inspiração catecumenal. Como serviço indispensável na comunidade, a catequese é uma realidade dinâmica e gradual que está a serviço da Palavra de Deus. Ela “acompanha, educa e forma na fé e para a fé, introduz à celebração do mistério, ilumina e interpreta a vida e a história humanas.”<sup>113</sup>

**167.** Assiste-se ao crescimento e florescimento de muitos movimentos eclesiais com o desejo de viver certa espiritualidade. Os vários carismas presentes nos diversos movimentos são, na realidade, uma riqueza e um dom para toda a Igreja. Os membros dos movimentos eclesiais que desejam colaborar e atuar na catequese de IVC, procurem sempre o fazer em sintonia com as orientações de cada Igreja Particular. “Na catequese é importante primeiro educar àquilo que é comum a todos os membros da Igreja, para somente depois se deter no que é peculiar ou diversificante.”<sup>114</sup>

<sup>112</sup> Para noções análogas acerca da estabilidade, cf. Carta Apostólica *Ministeria Quaedam* de Paulo VI, que instituiu os ministérios de Leitor e Acolito, e nova redação do *Cânon* 230 § 1 (*Motu Proprio Spiritus Domini*. p.10)

<sup>113</sup> DpCat n. 55

<sup>114</sup> DGC n. 262b

**168.** É importante esclarecer que os candidatos ao ministério ordenado, religiosos e religiosas e professores de religião católica nas escolas, preferencialmente, não devem ser instituídos no Ministério de Catequista. Isso porque seu serviço tem uma natureza própria, especificamente definida e distinta do serviço ministerial da Catequese de IVC. Essa natureza própria é caracterizada, por exemplo, pela ligação a outro ministério (o ordenado); pelo serviço a uma ordem ou comunidade específica (no caso de pessoas consagradas); e, mesmo, pela remuneração (no caso dos professores de escolas católicas). Analogamente, aqueles que atuam em uma Catequese específica dentro de movimentos eclesiais tais como descritos anteriormente não deverão ser instituídos, uma vez que seu serviço está relacionado diretamente à pertença a determinado movimento<sup>115</sup>. O bispo diocesano, em diálogo com as coordenações de IVC e conselhos devidos, será sempre o responsável pelo discernimento de casos particulares.

### **E o(a) catequista que não se torna ministro(a) instituído(a)?**

**169.** Ser catequista é uma vocação, é uma resposta a um chamado. Em grande parte de nossas Comunidades Eclesiais, temos catequistas que exercem seu ministério de forma *reconhecida* ou *confiada* pela Igreja. Isso significa que são chamados, vocacionados para tal missão, pois quando o(a) catequista se dedica à Catequese, que está a serviço da IVC, em sua comunidade eclesial, exerce seu ministério com a aprovação do pároco e o apoio da comunidade. Como consequência, temos assim um ministério *reconhecido*. E se também tiver recebido a designação para ser catequista através de uma nomeação ou de um rito litúrgico, seu ministério torna-se *confiado*, visto que o realiza em nome da Igreja que, através de seus pastores, autoriza tal serviço à evangelização.

**170.** Ministério Instituído: por ser um ministério de suma importância para a Igreja, a Carta Apostólica *Antiquum Ministerium*

<sup>115</sup> cf. Lettera della Congregazione per il Culto Divino e la Disciplina dei Sacramenti ai Presidenti delle Conferenze dei Vescovi sul Rito di istituzione dei Catechisti, 13.12.2021



abre portas para que este seja um ministério *instituído*. Isso significa que há um reconhecimento oficial do ministério laical de catequista, que se dá a partir de um rito litúrgico. Os(as) catequistas que já cumprem todos os critérios e itinerário formativo estabelecidos pela CNBB podem ser instituídos, assim como aqueles e aquelas que são chamados a exercer esse ministério, após também cumprirem todos os critérios e o itinerário formativo, poderão ser instituídos.

**171.** A instituição não faz do catequista um ser poderoso ou um ser melhor do que os catequistas ainda não instituídos, pois precisamos recordar sempre que mesmo os não instituídos já exercem seu ministério de forma reconhecida ou confiada pela Igreja. *A instituição não faz com que alguns se tornem catequistas oficiais e os outros não instituídos o sejam de segunda categoria.* Nem todos os catequistas cumprem todos os critérios para serem instituídos, mas nem por isso deixarão de continuar exercendo seu ministério, que de certa forma, como já afirmamos, é um exercício reconhecido ou confiado pela Igreja. O catequista instituído tem maior responsabilidade e por isso deve servir mais.

**172.** O Estudo da CNBB 95 recorda que: *Ministério não é poder.* Ministério não é honra; ministério não é prêmio. Ministério não é distintivo de superioridade; ministério não é título de desigualdade. Ministério é “*diakonía*”, isto é, serviço suscitado e sustentado pelo Deus Amor. Ele deve ser vivido na pobreza e na humildade, virtudes humanas que os servidores da Igreja, à luz do Evangelho, devem exercitar refletindo em suas ações as motivações, as atitudes e os comportamentos do próprio Deus em suas relações de filialidade para conosco (cf. Fl 2,5-11; Cl 3,12-17).

**173.** Assim, como fruto de um processo gradual no exercício do ministério laical, a instituição possibilita ao catequista tornar-se um sinal, um modelo de discípulo missionário, que a exemplo de seu Mestre Jesus se coloca como servidor de todos. Do mesmo

modo possibilita uma maior valorização desse ministério perante a Comunidade eclesial. E num sentido mais prático, faz com que tal ministério seja *exercido de forma estável*, evitando assim o trauma da rotatividade e da improvisação na catequese, que acarreta não poucos problemas à continuidade catequética das comunidades. Por isso, quem é instituído comprometer-se-á a se dedicar-se por um tempo prolongado nessa missão específica.

**174.** Portanto, a diferença entre ser *catequista instituído e catequista não instituído* não está na essência do ser catequista, mas no compromisso que é assumido publicamente perante a Igreja, a partir de um rito próprio de instituição para exercer tal ministério com atitudes de serviço, humildade, zelo, apaixonamento..., e que os (as) catequistas sejam “colaboradores fieis dos presbíteros e diáconos, disponíveis para exercer o ministério onde for necessário e animados por verdadeiro entusiasmo apostólico.”<sup>116</sup>

**175.** A Igreja no Brasil recebeu, com grande entusiasmo, a notícia da Instituição do Ministério de Catequista, por parte do Papa Francisco, através do *Motu Proprio Antiquum Ministerium*, no dia 10 de maio de 2021. Em nossos corações, brilha a gratidão, porque nosso tempo, marcado por mazelas tão diversas, recebeu como dádiva esse Ministério, confirmação da importância e do valor desse serviço para a vida da Igreja e para a vida concreta de cada pequena comunidade, como era nos primeiros séculos da Igreja.

**176.** Esperançosos, acreditamos que a Instituição do Ministério de Catequista, Ministério laical, será uma oportunidade para reafirmar o quão sublime é o serviço do catequista em cada comunidade eclesial, que realiza sua vocação missionária, valorizando sua existência. A instituição do serviço catequético como Ministério trará estabilidade para os que atuam nesse trabalho pastoral, inspirará a consciência acerca da seriedade desse serviço; garantirá uma formação permanente

e adequada; e atrairá a todos os que desejam, de alguma forma, comprometer-se com o Evangelho e com o seu anúncio.

**177.** Firmados esses primeiros passos, os catequistas querem continuar caminhando na direção da esperança, junto a Maria, como a Igreja jamais deixou de fazer. Certos de sua companhia intercessora, enfrentarão os primeiros desafios, acolhendo cada sugestão e discernindo, a partir das opiniões diversas, os sinais do Espírito que conduz por veredas antigas e novas, delineadas pelo Mistério divino que permeia nossa história na simplicidade e com ternura. Que o exemplo da Mãe de Jesus, que tanto ensinou por meio do serviço e do silêncio, possa ser o horizonte, multiplicando alegrias e fortalecendo a coragem, a fim de que os desafios sejam apenas instrumentos por meio dos quais se possa crescer juntos, como Comunidades Eclesiais Missionárias, que têm a Palavra de Deus como fonte, a Eucaristia como sustento, a comunhão como ideal e o Amor como identidade

## **CAPÍTULO VIII**

### **A INICIAÇÃO À VIDA CRISTÃ CONFORME AS IDADES**

**178.** Enunciando a regra pedagógica do adaptar-se à capacidade cognitiva e afetiva da pessoa, pensamos quase sempre na forma como deve ser o encontro de catequese, ou na metodologia que iremos adotar. No entanto, a adaptação primeira que devemos levar em consideração e a mais importante, em vista do desenvolvimento da pessoa a partir da catequese com crianças até a catequese com adultos e pessoa idosa, deve ter em vista o conteúdo entendido como mensagem que se quer anunciar. Por isso, uma renovação da metodologia só será fecunda mediante um conteúdo renovado, adaptando-os conforme as idades.

**179.** Nos dias atuais, há uma necessidade real de uma catequese continuada, permanente, que leve em conta toda a vida da pessoa. No entanto, ainda encontramos uma catequese fragmentada em uma busca apenas dos sacramentos. É preciso, urgentemente, tirar da mensagem da catequese este ranço da história que pensa em catequizar como doutrinar, ou somente passar conteúdos para decorar: queremos sim pessoas convictas de uma mensagem, e apaixonadas por Jesus Cristo, mas que o amem e sigam.

**180.** É preciso pensar nos catequizandos como interlocutores de uma mensagem e não como “depósitos de doutrinas e sacramentos”, pois temos que buscar para todas as fases da vida uma catequese que una vida, fé, educados nas atitudes celebrativas da liturgia, que parta da existência e da experiência e seja alimentada, iluminada pela Sagrada Escritura, Tradição e o Magistério.

## **Itinerário de catequese com pais gestantes**

**181.** “A catequese tem início no ventre materno. Depois, as primeiras raízes da fé são lançadas no ambiente familiar: desenvolvem-se na comunidade e adquirem solidez no engajamento comunitário e no processo formativo das etapas subsequentes.”<sup>117</sup> Neste itinerário, propomos o processo numa perspectiva de continuidade com o itinerário com pais e padrinhos, e depois na catequese com a primeira infância.

**182.** O itinerário da catequese com gestantes deve propor a prática da oração; o fortalecimento dos laços de relacionamento entre as famílias e a comunidade; o reavivamento e intensificação da fé de pais e padrinhos. Deve-se prezar pelo lúdico, belo e místico. O itinerário catequético com pais gestantes visa também a preparar as famílias para o itinerário com pais e padrinhos, pois logo em seguida receberá o sacramento do batismo.

## **Itinerário com crianças da Primeira Infância**

**183.** A consciência da necessidade de uma catequese com crianças na primeira infância, não substitui a vida familiar e a convivência familiar, mas acrescenta algo à educação da vida de fé da criança, que sempre foi preocupação da Igreja. Na vida comunitária, a criança pode ter seus companheiros para brincar, rezar, escutar a Palavra de Deus e balbuciar algumas orações que os ajudem a ter o início de uma relação amorosa com Deus.

**184.** Faz-se necessário pensar em uma catequese com crianças, não simplesmente para os sacramentos, mas uma catequese que ajude a inserção na vida da comunidade de fé, na relação com Deus e na convivência com o outro. Podemos pensar em uma catequese com as crianças a partir dos três/quatro anos de idade, que introduza as crianças ao processo de IVC.

---

117 DNC n. 312

**185.** A aprendizagem pela experiência é algo significativo em toda a vida e ainda mais na infância. Portanto, não apenas as crianças, mas também os adultos precisam ter liberdade para explorar e cometer enganos, para que com isso possam aprender.

**186.** Recordamos que o caminho de formação do cristão, na tradição mais antiga da Igreja, teve sempre caráter de experiência, na qual era fundante o encontro vivo e persuasivo com Cristo, anunciado por autênticas testemunhas. Trata-se de uma experiência que introduz o cristão numa profunda e feliz celebração dos sacramentos, com toda a riqueza de seus sinais. Desse modo, a vida vem se transformando progressivamente pelos santos mistérios que se celebram, capacitando o cristão a transformar o mundo. Isso é o que se chama catequese mistagógica.<sup>118</sup>

**187.** Uma catequese da realidade, da experiência com a criança da primeira infância é muito mais interessante do que torrentes de conteúdos que não atraem para a vida de fé. Devemos pensar a catequese com crianças, como o início de um itinerário de IVC, realizada através de atividades lúdicas e diversificadas. Temos que tomar cuidado sempre para que a catequese com crianças não seja uma repetição daquilo que a criança já vê na educação infantil escolar. Não devemos tratar de forma aprofundada e sistemática temas que serão aprofundados posteriormente.

**188.** O objetivo da catequese com crianças na primeira infância deve ser o de ajudar a criança a descobrir que é amada por Deus e que este criou tudo por amor: a descoberta de Deus Pai e Criador de tudo. “O homem e a mulher não podem viver sem amor. Ele é chamado a amar a Deus e ao próximo, mas para amar verdadeiramente, deve ter a certeza de que Deus lhe quer bem” (*Carta do Papa às Crianças no Ano da Família*). A catequese com crianças deve despertar o amor a Jesus, à sua Palavra e à sua Igreja. Semear no coração da criança, através de variados recursos didáticos, o amor a Deus e ao próximo. Cultivar

---

118 DAp, n. 290

nas crianças o gosto pela vida na comunidade. Criar alternativas de aproximação com as famílias, visando a evangelizá-las, inclusive através das crianças. Por isso a necessidade de mudar de linguagem: não devemos pensar em reunião de pais, mas sim Encontro com a Família; é muito mais significativo, pois retiramos aí a linguagem escolar e empregamos a linguagem evangelizadora da catequese.

**189.** A catequese com crianças da primeira infância deve ser realizada, sobretudo, de formas ocasionais, levando em consideração as características desta faixa etária. O catequista deve estar atento aos acontecimentos presentes e às “novidades” trazidas pelas crianças. “Desde o ensino oral dos Apóstolos e das cartas que circulam entre as Igrejas até os meios mais modernos, a catequese nunca deixou de procurar as vias e os meios adaptados para desempenhar sua missão...”<sup>119</sup>

**190.** Os encontros com crianças da primeira infância devem sempre conter cantos com gestos, histórias, contos, dinâmicas ou brincadeiras, vivências, material visual, atividades práticas etc. Se possível, que as crianças fiquem sentadas em roda. (As atividades planejadas devem girar em torno de um único tema que será aprofundado a cada encontro). A Palavra de Deus, a vida de Jesus, sempre que possível devem ser apresentadas de forma ilustrada.

**191.** Como em toda a catequese, os catequistas vocacionados a atuar com faixa etária dos 3/4 a 7/8 anos precisam buscar a formação adequada. “Qualquer atividade pastoral que não conte para a sua realização, com pessoas realmente formadas e preparadas, coloca em risco a sua qualidade.”<sup>120</sup> Torna-se necessário que o catequista, além da formação doutrinal, procure conhecer: as características do desenvolvimento da criança (psicopedagogia); noções de didática e planejamento; como evangelizar através da música e de contos e histórias; como usar atividades diversificadas de forma catequética.

---

<sup>119</sup> CT n.46

<sup>120</sup> DGC n.234

Assim, haverá uma eficaz catequese inicial com crianças que a ajudará a tomar gosto pela vida da comunidade.

**192.** A criança da primeira infância aprende através de experiências sensoriais, isto é, vendo, apalpando, ouvindo, movimentando-se. Fala com o corpo todo e ouve com o corpo todo. Na fase dos 3/4 aos 6/7 anos, é o período em que a criança alarga o seu conhecimento; é o momento em que o caos se organiza por um verdadeiro esforço de compreensão. A criança tem algumas características que lhe são próprias neste período da vida. Apresentamos de forma sintética estas características. Observando-as, pode-se buscar luzes para a nossa ação.

**193.** Nestes novos tempos as crianças são mais ativas, fazem mais perguntas e não se deixam convencer simplesmente com o argumento da autoridade de quem fala. Com maior acesso aos meios de comunicação, podem até ter mais informações sobre a realidade do que o catequista, embora não disponham da necessária maturidade para analisar tudo que recebem. Por vezes trazem também dramas e mágoas que exigem uma conversa diferente, personalizada. O catequista precisa conhecer e ouvir cada criança para descobrir o melhor modo de cumprir sua missão. Também será bastante útil ter familiaridade com o universo da criança: brincadeiras, situação escolar e familiar, histórias em quadrinhos e filmes que as crianças preferem, literatura infantil de boa qualidade. O processo catequético levará em consideração o desenvolvimento dos sentidos, a contemplação, a confiança, a gratuidade, o dom de si, a comunicação com Deus, a alegria da participação.<sup>121</sup>

**194.** As crianças geralmente são muito receptivas e abertas para o mundo exterior; não têm capacidade de inibição, ou seja, são muito espontâneas em suas ações. Quanto à sua inteligência, a criança tem modos de pensar muito diferente dos outros, pois sua visão das coisas é bem mais reduzida; não é panorâmica, mas tendendo a fixar-se em

---

<sup>121</sup> DNC n.194



algo que as impressionam mais, ainda é incapaz de deduções. No universo da afetividade, a criança é egocêntrica, age e pensa a partir do seu universo.

### **Itinerário com crianças da segunda Infância**

**195.** A segunda infância, que tem início aos sete anos e vai até mais ou menos dez anos, constitui-se uma fase ampla e significativa tanto para dimensão pessoal, como para a vida escolar e catequética da criança. Projeta-se a vida social mais intensamente, libertando-se gradualmente da exclusividade da vida em família e adquirindo condições de participar em um novo mundo, no qual irá enfrentar normas e regras, às quais deve adaptar-se. Em nossa diocese, depois de ter consultado várias instancias catequéticas, foi decidido iniciar a catequese *de iniciação à celebração da Primeira Eucaristia, com a idade de 9 anos*. A maioria das paróquias recomenda um período mínimo de dois anos de itinerário catequético.

**196.** Alguns pensam que o trabalho catequético com crianças é simples, fácil, mas na realidade, é muito exigente. Hoje as crianças perguntam, questionam e não aceitam pacificamente os conceitos transmitidos. Têm acesso a muitas informações através da internet, rádio, televisão e outros meios de comunicação. Será necessário saber ouvir, dialogar, amar e ajudar o catequizando no crescimento humano e espiritual.

**197.** A segunda infância constitui o tempo da primeira socialização, da educação humana e cristã na família, na escola e na comunidade. É preciso considerá-la como uma etapa decisiva para o futuro da fé, pois nela, através do batismo e da educação familiar, a criança inicia sua iniciação cristã. No final da segunda infância (pré-adolescência), uma fase curta, mas efervescente do desenvolvimento humano, ou até mais cedo (primeira infância), começa-se em geral o processo de iniciação eucarística. É nesta idade que se atinge o maior número de

catequizandos e há o maior envolvimento de catequistas por causa da primeira comunhão eucarística, que não deve ter caráter conclusivo do processo catequético, mas a continuidade com uma catequese de perseverança com pré-adolescentes que favoreça o engajamento na comunidade eclesial.<sup>122</sup>

**198.** O catequista precisa buscar sempre conhecer melhor as crianças, suas características, o meio em que vivem, tudo o que influencia o seu desenvolvimento. As crianças aprendem muito mais quando têm oportunidade de desenvolver todas as dimensões da sua personalidade: físicas, psicológicas, cognitivas, sociais e religiosas.<sup>123</sup>

**199.** Considerando que a catequese com as crianças não deve ter um caráter conclusivo, insiste-se na continuidade dentro da dinâmica da iniciação cristã. Lembrando que é necessário fazer o primeiro anúncio com crianças que não tinham ouvido falar de Jesus Cristo e necessitam abrir-se à fé. É fundamental que o catequista ajude seus catequizandos a crescer na adesão a Jesus, na conversão, e que estejam disponíveis e abertos para um maior conhecimento e aprofundamento da mensagem de Jesus.

**200.** Cada vez mais, sentimos a urgência de revermos nosso modo de evangelizar o universo da criança na segunda infância. É preciso pensar em novos rumos para a catequese com crianças quando chega a idade para receber o sacramento da Eucaristia. Para pensar em catequese com crianças para um mundo em “profundas mudanças”, faz-se necessário e urgente rever nossa pedagogia, metodologia e conteúdos, e buscar novas luzes para uma catequese bíblico-vivencial-lúdica. Daí a importância de investir numa catequese que introduza os catequizandos na experiência da fé que toca o coração.

---

<sup>122</sup> DNC n.199.

<sup>123</sup> CALANDRO, E/LEDO, J. *Psicopedagogia Catequética. Volume I Crianças*. p. 140.

**201.** A educação para a oração (pessoal, comunitária, litúrgica), a iniciação ao correto uso da Sagrada Escritura, o acolhimento dentro da comunidade e o despertar da consciência missionária são aspectos centrais da formação cristã das crianças. É preciso cuidar da apresentação dos conteúdos, como mensagem de fé, de forma adequada à sensibilidade da criança. Embora a criança necessite de adaptação de linguagem e simplificação de conceitos, é importante não semear hoje o problema de amanhã. Simplificar com fidelidade e qualidade teológica exige boa formação e criatividade. É necessário ter cuidado para que, em nome da mentalidade infantil, não se apresentem ideias teologicamente incorretas que depois serão motivo de crise de fé.

**202.** A relação que a criança estabelece com seus pais, ou com quem convive a maior parte de seu tempo desde a mais tenra infância, condiciona sua própria relação com Deus. A presença da família pode despertar na criança o sentimento de grandeza, onipotência, amor paterno e materno. Com isso a família está ajudando a tecer o senso de um Deus amoroso. Por sua bondade, sua dedicação desinteressada, sua presença afetuosa, as famílias ajudam a cultivar no coração da criança um senso de amor, da presença, da segurança de Deus. Quando os pais são cristãos e participam efetivamente da vida da comunidade, têm uma vida de oração dentro do lar, inicia-se dentro de casa uma catequese de intimidade com Deus, com a sua Palavra. Portanto, a família será sempre o primeiro alicerce de fé que a criança recebe. Neste sentido, precisamos cuidar da catequese familiar, que nos ajudará no futuro da criança recém-chegada à nossa catequese.

## **Itinerário com adolescentes e jovens**

### *A pré-adolescência*

**203.** Logo após o a primeira Eucaristia das crianças, a criança entra na fase da pré-adolescência. Este momento da vida é marcado

por uma grande transição entre a infância e a adolescência, e vemos que tal fase é frequentemente esquecida na catequese. Os catequistas não sabem como despertá-los o interesse, como tratá-los, e ficam desanimados diante de determinadas situações. O catequista necessita, portanto, procurar compreender o que leva os pré-adolescentes a terem atitudes de indisciplina, crítica, instabilidade e agitação, a fim de procederem mais eficazmente.

**204.** Esta fase tão turbulenta nem sempre recebe os devidos cuidados pastorais, ocasionando um vácuo entre a Primeira Comunhão Eucarística e a Confirmação. Urge para os adolescentes um projeto de crescimento na fé, do qual eles mesmos sejam protagonistas na descoberta da própria personalidade, no conhecimento e no encantamento por Jesus Cristo, no compromisso com a comunidade e na coerência de vida cristã na sociedade.<sup>124</sup>

**205.** Com pré-adolescentes, é preciso pensar um itinerário para a continuidade da catequese com crianças. A intenção é propor a continuidade dos itinerários de educação da fé, evitando assim, que os pré-adolescentes se afastem da comunidade nesta fase de transição da vida.

**206.** Todos sabemos que, depois da primeira Eucaristia, os adolescentes só retornavam à igreja na época da preparação para o sacramento da crisma, na idade entre os catorze e quinze anos. Porém, esse tempo de dois ou três anos acaba sendo muito prejudicial para a formação da educação da fé desses pré-adolescentes. Grande parte não retorna mais ao convívio da comunidade.

**207.** A Diocese de Santo André oferece um Itinerário da Perseverança subdividido em três etapas, sendo eles: itinerário I: formação para a vida cristã com gestos concretos, a partir das obras de caridades e das virtudes cristãs teológicas e cardeais; itinerário II: formação para a sexualidade e afetividade; itinerário III: com a

---

124 DNC 195.

preocupação vocacional; na intenção de formação para o discipulado engajado na comunidade cristã e na sociedade como cidadão.

**208.** Estes itinerários devem ser um momento significativo para que o pré-adolescente consiga conservar-se firme e constante e possa persistir e prosseguir, sempre com os olhos fixos em Jesus Cristo, a partir de uma Igreja em saída.

**209.** Como esse grupo de Perseverança com pré-adolescentes não visa o sacramento, há mais liberdade para elaborar encontros a partir das necessidades do universo da pré-adolescência. É preciso pensar em encontros bem animados, com cantos, dinâmicas, vivências, atitudes concretas e aprofundamento bíblico, para que possam assim continuar o processo de amadurecimento na vida e na fé.

### *A adolescência*

**210.** A adolescência é um processo dinâmico que medeia a infância e a idade adulta: inicia-se com o desenvolvimento biopsíquico social e termina com a aquisição da identidade, da autonomia, bem como da elaboração de projetos de vida e de integração na sociedade. O catequista precisa estar atento para esse momento da vida e ajudar o adolescente a fazer escolhas permanentes em sua vida.

**211.** A catequese com adolescentes e jovens é ainda mais desafiadora, pois é um período de mudanças físicas e psicológicas. Constata-se que são muitas vezes distraídos, parecem não estar interessados ou distantes do diálogo com os adultos e sentem a necessidade de encontrar-se, afirmar-se na busca de firmar sua personalidade. “Novas experiências desconcertantes marcam o adolescente: a ruptura, a morte da infância e a frustração. O mundo não é tão perfeito como o vivia, como o criava e o sonhava quando criança. Cai a imagem ideal que fizera dos pais”.<sup>125</sup> De fato, o relacionamento

<sup>125</sup> FRANCIA HERNÁNDEZ, A. *Catequese com adolescentes*. In: V. M. PEDROSA ARÉS/M. NAVARRO GONZÁLES et al. *Dicionário de Catequética*. 22.

com os pais torna-se difícil e tenso; também a visão de Deus e Jesus Cristo é modificada. Por isso necessita-se, por parte da Igreja Particular, uma melhor atenção e apoio aos adolescentes. O *Diretório Nacional da Catequese* sugere que se dê um bom acompanhamento para ajudar no crescimento de uma personalidade equilibrada e firme.

**212.** Neste período, o adolescente cresce na consciência de si mesmo, de suas potencialidades, sentimentos, dificuldades e das transformações que estão acontecendo em sua vida. Isso pode ocasionar desajustes emocionais e comportamentais, com os quais nem sempre saberá lidar. A característica principal dessa idade é o desejo de liberdade, de pensamento e ação, de autonomia, da autoafirmação, de aprendizagem do inter-relacionamento na amizade e no amor.

### *A juventude*

**213.** A juventude deve ser entendida como uma fase da vida em que a pessoa é portadora de força renovadora que a motiva a construir novidades e enfrentar desafios; é o momento de descobertas mais profundas, de valores culturais e espirituais; é um tempo para que a pessoa, a partir do mergulhar na crise que viveu durante a adolescência, emergir para a vivência de valores permanentes e estáveis.<sup>126</sup>

**214.** A juventude é uma fase bonita e ao mesmo tempo de busca de significado para suas vidas. Tendem com facilidade ao compromisso com o outro em ações solidárias: se preocupam com os outros e são considerados geralmente como sonhadores. Constata-se ainda o interesse em fazer uma experiência de fé e são geralmente fascinados por vivências radicais e desafiadoras. “A juventude costuma enfrentar vários desafios como: o desencanto e a falta de perspectiva no campo profissional; experiências negativas na família; exposição a uma sociedade erotizada que lhes dificulta o desenvolvimento

---

<sup>126</sup> CALANDRO, E/LEDO, J. *Psicopedagogia Catequética. Volume II Adolescentes e jovens*. p. 25.

sexual; insatisfação; angústia; e em muitos casos, experimentam marginalização e dependência química”.<sup>127</sup>

**215.** Diante desta realidade desafiadora, existe uma atenção particular por parte da Igreja aos jovens, tanto em nível social como também catequético, em que se procura cultivar um crescimento salutar e continuado de fé, propiciando um verdadeiro processo de amadurecimento humano e cristão.

**216.** Sabemos que a catequese com jovens na comunidade cristã não tem produzido os frutos esperados, pois tem se mostrado algumas vezes superficial e não responde aos desafios da realidade atual. Seria importante a elaboração de projetos sérios e que possam ser realizados concretamente e que se procure conhecer os documentos já existentes, para inserir as propostas contidas em nossos itinerários juvenis. “Por outro lado, também é crescente o número de jovens na ação catequética, nos eventos eclesiais e sociais, frutos da catequese recebida. Nossa responsabilidade com o Evangelho e com os jovens inclui cuidar da comunidade cristã para que ela seja de fato um testemunho de coerência com o projeto de Jesus”.<sup>128</sup> A catequese com jovens também deve procurar utilizar uma linguagem que se aproxime da realidade juvenil e atenta a motivar o protagonismo e que se sintam realmente sujeitos responsáveis e construtores de um mundo melhor, onde todos podem viver com dignidade.

**217.** Na catequese de iniciação cristã com jovens, é importante levar em consideração também todas as outras instituições, associações e movimentos que trabalham com esta faixa etária. Importante unir esforços em vista do bem comum. Onde se reúnem ainda grande número de jovens na comunidade eclesial é na catequese de adolescentes e jovens.

<sup>127</sup> DNC 189; Cf. J. B. LIBÂNIO. *O mundo dos jovens*. In: Revista de Catequese 24/93 (2001). p. 5-18; CNBB. *Evangelização da Juventude: Desafios e perspectivas pastorais*. Documentos da CNBB 85, São Paulo, Paulinas, 2007.

<sup>128</sup> DNC 190; Cf. RODRÍGUEZ VARGAS, A. *Los jóvenes al encuentro con Jesucristo*. In: Consejo Episcopal Latinoamericano – CELAM. *A la luz de Aparecida*. Santafé de Bogotá, 2008.

## Itinerário com adultos

**218.** Com o Concílio Vaticano II, a Igreja abre suas portas para o novo e renova sua presença no mundo como sinal do Reino. A catequese é um processo de educação comunitária, permanente, progressiva, ordenada, orgânica e sistemática da Fé. Sua finalidade é a maturidade da fé, num compromisso pessoal e comunitário de libertação integral, que deve acontecer já aqui e culminar no Reino definitivo. A força da catequese está na pessoa e a comunidade; a Bíblia é o livro-fonte; o adulto é o principal interlocutor; centraliza-se no seguimento de Jesus Cristo; privilegia-se, na América Latina, a opção pelos pobres.<sup>129</sup> A maioria das paróquias recomenda um período mínimo de um ano de itinerário catequético.

**219.** Já em 1983, o Documento *Catequese Renovada*, detectava sérias lacunas na vivência da fé dos nossos cristãos batizados e afirmava que: É na direção dos adultos que a Evangelização e a Catequese devem orientar seus melhores agentes. São os adultos os que assumem mais diretamente, na sociedade e na Igreja, as instâncias decisórias e mais favorecem ou dificultam a vida comunitária, a justiça e a fraternidade. Urge que os adultos façam uma opção mais decisiva e coerente pelo Senhor e sua causa, ultrapassando a fé individualista, intimista e desencarnada. Os adultos, num processo de aprofundamento e vivência da fé em comunidade, criarão, sem dúvida, fundamentais condições para a educação da fé das crianças e jovens, na família, na escola, nos Meios de Comunicação Social e na própria comunidade eclesial.<sup>130</sup>

**220.** Com força, o *Diretório Nacional de Catequese* insiste que “é na direção dos adultos que a evangelização e a catequese devem orientar seus melhores agentes. São os adultos os que assumem mais diretamente, na sociedade e na Igreja, as instâncias decisórias

<sup>129</sup> CALANDRO, E/LEDO, J. *Psicopedagogia Catequética. Volume III (Adultos)*. p. 103.

<sup>130</sup> CR 130. Houve também um grande esforço por parte de catequetas e da Comissão Nacional de Catequese em dar continuidade à reflexão sobre a catequese com adultos. Foram publicadas várias reflexões em relação a esta temática. NERY, J. I. *Catequese de adultos no documento Catequese Renovada*. In: in Revista de Catequese 8/30 (1985). p. 7-17; ANTONIAZZI, A. *Catequese de adultos: um desafio que não pode esperar*. In: Revista de Catequese 8/30 (1985). p. 18-25; WILKEN, I. *Catequese de adultos e diálogo ecumênico*. In: Revista de Catequese 8/30 (1985). p. 26-28.



que mais favorecem ou dificultam a vida comunitária, a justiça e a fraternidade. Urge que os adultos façam uma opção mais decisiva e coerente pelo Senhor e sua causa, ultrapassando a fé individualista, intimista e desencarnada”.<sup>131</sup>

**221.** Não podemos dizer que o adulto já é uma pessoa totalmente amadurecida; muito pelo contrário, estamos sempre em contínua reestruturação da personalidade, na qual se inserem fatores familiares, culturais e sociais e não menos os religiosos, pois o ato de fé implica um processo interior intimamente ligado à sua personalidade. A relação do adulto com a fé exige um consistente caminho de aprofundamento dentro de um estruturado processo formativo.

**222.** A catequese com adultos configura-se como um processo pessoal e comunitário de aprendizagem, visando a adquirir gradual e progressivamente uma mentalidade e uma sensibilidade de fé *“até chegarmos, todos juntos, à unidade na fé e no conhecimento do Filho de Deus, ao estado de adultos, à estatura do Cristo em sua plenitude”* (Ef 4,13). Com isso, será fundamental na catequese com adultos educá-los na formação dos traços típicos do cristão adulto na fé, discípulo(a) do Senhor Jesus, dentro de uma participação ativa e efetiva em uma comunidade, inseridos nas realidades sociais e culturais para o testemunho da fé e do cumprimento do Reino de Deus.

**223.** Em relação à formação, somos convidados a colocarmos à disposição os melhores catequistas para esta missão. Tem-se a consciência de que a catequese com adultos é um grande desafio numa realidade catequética que trabalha predominantemente com crianças. Insiste-se na necessidade de priorizar esta forma de catequese na comunidade eclesial.<sup>132</sup>

---

<sup>131</sup> Cf. CNBB. Diretório Nacional de Catequese 181-183. p. 131.

<sup>132</sup> No *Directório Catequético Geral* de 1971 já se fazia o convite para priorizar a catequese com adultos. O novo *Directório Geral* para a Catequese de 1997 retoma este conceito e aprofunda dizendo que “a catequese de adultos, uma vez que é dirigida a pessoas capazes de uma adesão e de um empenho realmente responsáveis, deve ser considerada como a principal forma de catequese, para que todas as demais, não por isso menos necessárias, estão orientadas. Isso implica que a catequese das demais idades deve tê-la como ponto de referência e deve articular-se com ela, num projeto catequético de pastoral diocesana que seja coerente” (DGC 59).

**224.** Não podemos negar a força e a importância dos adultos e da família na vida eclesial e a necessidade de uma maior atuação na sociedade. Afirmou-se que os adultos podem facilitar ou ao mesmo tempo atrapalhar a vivência da fé. Constata-se que muitos pais não acompanham seus filhos para a Igreja ou para a catequese, não contribuem na transmissão da fé para as novas gerações. Muitas vezes não colocam em prática os valores do Evangelho no cotidiano e, conseqüentemente, no âmbito social, econômico, político e nas decisões importantes que visam ao bem comum.

**225.** O desafio de superar uma fé individualista, intimista e desencarnada é muito atual para os dias atuais. Ao longo dos tempos, foram realizados muitos esforços na tentativa de tornar a catequese com adultos mais vivencial e transformadora. Aparece ainda a dimensão importante dos adultos como protagonistas e motivadores de uma catequese com adultos que favoreça um verdadeiro itinerário de fé.<sup>133</sup> Outro elemento de grande significado será a vivência da fé em comunidade. Precisamos superar o trabalho isolado, a competição, inveja, desejo de poder, de aparecer e de pensar que outros não têm ou não podem adquirir as competências necessárias para o trabalho. Chegou o momento de convidar todos os adultos na comunidade cristã a envolver-se, a tornarem-se os primeiros responsáveis pela educação na fé. Daí a insistência em realizar uma catequese permanente,<sup>101</sup> continuada, que favorece o crescimento e amadurecimento dos catequizandos e da própria comunidade de fé.

**226.** Foram dados passos significativos, com estudos, seminários e encontros, no desejo de colocar em prática a prioridade da catequese com adultos. A Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, através

---

<sup>133</sup> “Eu não posso deixar de realçar, um dos cuidados dos Padres do Sínodo, demandado com vigor e urgência pelas experiências que se estão fazendo no mundo inteiro; trata-se do problema central da catequese dos adultos. Esta é a principal forma de catequese, porque se dirige a pessoas que tem as maiores responsabilidades e a capacidade para viverem a mensagem cristã na sua forma plenamente desenvolvida. A comunidade cristã, efetivamente, não poderia pôr em prática uma catequese permanente sem a participação direta e experimentada dos adultos, quer eles sejam destinatários quer sejam promotores da atividade catequética”. CT 43. <sup>101</sup>

da Dimensão Bíblico-catequética, realizou em 2001 a 2ª SBC. Toda a reflexão e produção foi voltada para a catequese com adultos.

**227.** Por fim, para assumir a missão da catequese com adultos, é preciso que o catequista esteja bem preparado, pois este traz para a catequese toda a sua vida, toda a sua experiência, bem como suas dúvidas religiosas. O catequista precisa ser uma pessoa que dê testemunho de sua fé, da sua atuação na vida comunitária e saiba, como afirma a carta de Pedro, “dar razão de sua esperança” (1Pd 3,15).<sup>134</sup>

### **Itinerário com pais e padrinhos**

**228.** A Igreja sempre batizou adultos e crianças. A prática de batizar crianças é atestada explicitamente desde o século II. Mas é bem possível que desde o início da pregação apostólica, quando “casas” inteiras receberam o Batismo, também as crianças fossem batizadas. (cf. At 10, 44-48).

**229.** Nascidas com uma natureza humana decaída e manchada pelo pecado original, as pessoas precisam de novo nascimento no Batismo, a fim de serem libertadas do poder das trevas e transferidas para o domínio da liberdade dos filhos de Deus.

**230.** O itinerário com pais e padrinhos, conhecido como Pastoral do Batismo, tem índole eminentemente missionária e evangelizadora, tendo em vista ser um excelente meio para iniciar ou reiniciar os pais e padrinhos na vida comunitária. Por isso, não se deve restringir ao “curso” imediato ao batizado das crianças.

**231.** O itinerário com pais e padrinhos, momento privilegiado do anúncio de Jesus Cristo e de seu Evangelho, tem como objetivos:

- I - anunciar e testemunhar a alegria de seguir Jesus Cristo;
- II - transmitir o gosto de pertencer à Igreja Católica;

---

134 CALANDRO, E/LEDO, J. *Psicopedagogia Catequética. Volume III Adultos*. p. 117.



**III** - dialogar com eles sobre a missão da Igreja;

**IV** - despertar, acender, reanimar ou intensificar a fé;

**V** - ajudar os que desconhecem a comunidade a conhecê-la;

**VI** - procurar integrar as famílias na vida da comunidade;

**VII** - acolher e motivar as pessoas para a importância da fé na vida da família;

**VIII** - acolher as esperanças e angústias dos pais e padrinhos;

**IX** - rezar com a família e padrinhos para agradecer o dom da vida da criança.

O itinerário com pais e padrinhos não pode ser resumido apenas a uma forma teórica (encontros, palestras, cursos...). É também importante rezar com os pais pelos filhos, criar um ambiente de “encontro com o Senhor” e anunciar o Querigma em linguagem apropriada aos interlocutores.

**232.** Considera-se conteúdo mínimo para o itinerário com pais e padrinhos:

**I** - o Querigma;

**II** - a doutrina e a celebração do sacramento do Batismo;

**III** - a responsabilidade dos pais e dos padrinhos na educação cristã das crianças para as quais pedem o Batismo;

**IV** - a comunidade cristã como espaço de vivência da fé e da celebração eucarística dominical;

**V** - as orações.

**233.** É preciso cuidar fraternalmente da acolhida dos pais e padrinhos. Cuidar da ambientação do espaço para os encontros é de suma importância: deve ser: acolhedor, agradável, com ventilação, sem ruídos. Reunir os pais e padrinhos em um único círculo e uma Bíblia aberta bem como os símbolos do sacramento do Batismo. Os encontros com pais e padrinhos devem ser orantes, celebrativos, mistagógicos e querigmáticos, por isso, não se pode reduzir apenas a algumas horas, é possível e até recomendável que os pais e padrinhos participem de mais de um encontro, é preciso pensar em um itinerário com pais e padrinhos.



**234.** Deve-se evitar muitas explicações teológicas, palestras e termos de difícil compreensão no itinerário com pais e padrinhos, pois a linguagem deve ser apropriada, pois muitos ainda são católicos não suficientemente evangelizados.

**235.** É desejável que os catequistas do Itinerário com Pais e Padrinhos atuem em comunhão com a Comissão de Animação Bíblico Catequética da paróquia, bem como com as demais pastorais que atuem com famílias.

**236.** As normativas para os sacramentos da IVC, nas quais está incluso o batismo de crianças, constam no *Diretório para os Sacramentos da Diocese de Santo André*, e estas devem ser seguidas em forma de comunhão e unidade diocesana. No *Ritual do Batismo de crianças* (também no RICA) recomenda-se vivamente que, pelo menos um domingo por mês, sejam celebrados os batismos dentro da eucaristia dominical.

### **Itinerário com a pessoa com deficiência**

**237.** Os processos de IVC sempre serão abertos à catequese inclusiva, que se refere ao acolhimento e evangelização de todo e qualquer tipo de pessoa com deficiência. Este trabalho de evangelização sempre deverá ser realizado junto com o Setor Inclusão da Diocese de Santo André.

**238.** A catequese inclusiva é um processo evangelizador que deve acolher as pessoas com deficiência, promovendo a integração na comunidade. A Igreja reconhece que as pessoas com deficiência têm o direito à fé e a uma vida plena de significado.

**239.** Os bispos do Brasil garantem, no *Diretório Nacional de Catequese*, que as pessoas com deficiência têm o mesmo direito à catequese, à vida comunitária e sacramental que o restante da comunidade.





**240.** Toda pessoa com deficiência deve ser incluída na comunidade eclesial. Aquele que necessitar de acompanhamento específico, a comissão paroquial poderá buscar ajuda especializada para auxiliá-los nos processos de educação da fé da pessoa com deficiência.

**241.** É necessário oferecer formação catequética inclusiva aos catequistas, para lidar com as necessidades específicas de cada pessoa com deficiência e para desenvolver metodologias que possibilitem uma catequese mais inclusiva e eficaz.

**242.** Por isso, cada vez mais catequistas e pessoas envolvidas na catequese precisam adaptar-se para acolher diversos contextos sociais, realidades e necessidades individuais, ou seja, uma catequese inclusiva e eficiente. É preciso garantir que as pessoas com deficiência tenham acesso à catequese, adaptando materiais, espaços e metodologias para atender às suas necessidades específicas.

**243.** Pedimos especial atenção para com as pessoas com deficiência (PcD), em relação aos espaços físicos que oferecem acessibilidade ao edifício eclesial, tais como banheiros, bebedouros adaptados, rampas de acesso, e outros cuidados. Que nenhum irmão e irmã se sinta excluído da comunidade. “Ela deve ser a casa que acolhe a todos, todos, todos” (PP. Francisco).

## CONCLUSÃO

“Ide, pelo mundo inteiro,  
e anunciai a Boa Nova a toda Criatura!”  
(Marcos 16,15)

O atual contexto nos acena para abraçarmos uma nova postura evangelizadora. Vivemos em tempo de “Nova Evangelização”, momento de grande esperança. Sabemos que os ‘sinais dos tempos’ nos impulsionam para uma conversão pastoral. Assim como as primeiras comunidades cristãs encontraram soluções para os processos de iniciação para a transmissão da fé, a Igreja hoje propõe este novo paradigma chamado “iniciação à vida cristã”, em face a uma missão emergente e exigente: despertar nas pessoas a fé em Jesus Cristo e seu consequente seguimento.

É nesse paradigma que a Igreja se abre para um alvorecer e para favorecer processos de iniciação consistentes visando a formar homens e mulheres para serem cristãos do século XXI. O Diretório Diocesano se propôs a ajudar na compreensão dos processos de iniciação à vida cristã. Desde a renovação do Concílio Vaticano II até os dias atuais, em seus diversos documentos, a Igreja tem reiterado o seu desejo de restabelecer e fortalecer a proposta do catecumenato. Sendo assim, acreditamos que a IVC com inspiração catecumenal é o meio ordinário e indispensável para a introdução à vida cristã, para a vida de Comunidade-Igreja. Pela iniciação à vida cristã, a pessoa é inserida no mistério pascal de Cristo.

Seja este Diretório bem acolhido por todos, prontamente estudado e colocado em prática, em nossa realidade diocesana. Ele dá orientações e pistas para a formação dos que direta e indiretamente estão envolvidos com a catequese para que, fiéis à Sagrada Escritura e à Igreja, realizem uma eficaz educação da fé.



É com alegria e gratidão a Deus e a todos os catequistas, que nós da Coordenação Diocesana da Catequese, em comunhão com os presbíteros e o nosso bispo diocesano, confiantes nas luzes do Espírito Santo e no cuidado materno de Maria, entregamos este Diretório Diocesano para que ele cumpra bem a sua missão, dando frutos de renovação na missão evangelizadora da catequese a serviço da iniciação à vida cristã.

### **Comissão Diocesana de Animação Bíblico-Catequética**

#### *Coordenadores:*

Clara Helena Breccio Cavinato,  
Eliane Castilho Cunha Martinez,  
Ivanilde Sampaio,  
José Carlos Serrano Martinez,  
Maria Cristina Teles Nascimento,  
Sandra Regina Cortez Becker

#### *Assessor:*

Pe. Eduardo Antonio Calandro

